

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Daniel Campos Yoshida

**Os CIEPs e a Formação de Professores: Construções,
problematizações, contradições, evoluções e resultados**

Trabalho de Conclusão de Curso

Orientadora: Luciana Borgerth Vial Corrêa

Agradecimentos

Gostaria de iniciar meu depoimento de agradecimento, demonstrando toda minha gratidão a Deus por ter me acompanhado em cada passo deste trabalho. Esteve comigo em cada momento, me guiando e colocando pessoas excepcionais que me permitiram enfim, me formar e exercer a carreira que tanto admiro e escolhi para minha vida.

Um agradecimento muito especial para minha orientadora Luciana Borgerth Vial Corrêa por todo esforço, carinho e dedicação no direcionamento que me deu em todo o processo. Em tempos de pandemia, quando tudo se torna mais remoto e difícil, a mesma não mediu esforços para estar presente na correção dos capítulos, auxiliando na escolha das referências bibliográficas, além de todo carinho e dedicação para me guiar na escrita do texto.

Em toda minha trajetória na universidade, sempre tive pessoas que me acolheram e forneceram apoio e suporte em cada momento de dificuldade. Fica aqui o meu agradecimento a minha família, em especial minhas heroínas, minha mãe, avó e meu amor. Agradeço por todos os amigos que cercaram meu caminho e me fizeram crescer em minha trajetória como estudante e pessoa também. A conclusão do meu trabalho não seria possível sem a ajuda fundamental da minha noiva Vitória que sempre esteve presente me ouvindo, sendo meu porto seguro nos meus momentos de fraqueza e meu ponto de equilíbrio nas minhas horas de angústia e tristeza. Ela foi, é e para sempre será minha inspiração e motivação para alcançar todos os meus sonhos e ideais. É com muito orgulho que dedico este presente trabalho para ela, por ter me suportado nos meus momentos de nervosismo e ter me acalmado nos meus dias de ansiedade e desespero. Com o coração transbordando de gratidão eu posso afirmar que meu amor por ela é muito maior do que posso demonstrar em palavras

Por fim, gostaria de agradecer a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro por ter me concedido a oportunidade de estudar com bolsa integral durante toda a graduação. Sem a ajuda filantrópica da Universidade a minha formação não seria viável. Agradeço por cada aprendizado, por cada ensino e por cada professor que fez toda minha trajetória valer a pena.

Resumo

Este presente trabalho busca analisar algumas perspectivas sobre a proposta de ensino integral nos CIEPs e de que maneira estes espaços incentivavam a formação de professores e suas respectivas especializações. Uma análise sobre as vertentes teóricas que acordavam com os moldes propostos pelo governo, além de um breve estudo sobre as teorias divergentes que adotavam uma postura de desacordo em relação ao PEE. Uma breve pesquisa sobre a evolução, o crescimento dos CIEPs, suas problematizações e contradições.

Palavras chave: CIEP, educação integral e formação de professores

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	4
2. CIEPs: Da Teoria à Prática; conceitos, problematizações e construções..	6
2.1 CIEPs: Da Formação de alunos a Formação de Professores	18
3. O PEE e a Formação de Professores nos CIEPs	26
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
5. BIBLIOGRAFIA	57

Introdução

Quando passamos por determinados bairros na cidade do Rio de Janeiro, percebemos algumas características comuns que os tornam únicos e diferenciados. Quando passamos por Madureira, não podemos nos esquecer do seu grande Mercado. Ao passar por Campo Grande, minha terra de origem, a grande movimentação e calor do calçadão, demonstram o porquê do título de vice bairro mais quente do Rio de Janeiro. Quando turistamos pelos bairros da zona sul, vemos grandes obras e pontos turísticos que lá estão há muito tempo, tais como o Cristo Redentor, Arpoador, as praias mais famosas como Copacabana, Ipanema e Leblon. Transitando pelos bairros do Centro vemos pontos importantes e monumentos fundamentais para o estudo da História brasileira.

Entretanto, na maioria dos bairros mais pobres do Rio de Janeiro, localizados mais próximos das periferias, encontramos prédios que foram muito importantes para a educação pública nos anos que marcaram o fim da ditadura e o período de redemocratização e abertura de direitos e política. Os CIEPs idealizados por Darcy Ribeiro, vice governador do Rio de Janeiro, arquitetados por Oscar Niemeyer, surgiram como a principal ferramenta para que as crianças mais carentes pudessem adquirir um ensino da melhor qualidade, que respeitava as condições das mesmas, sem lhes exigir dinheiro e materiais caros. Quando passamos por esses bairros, logo avistamos os “grandes brizolões” que foram construídos com intuito de modernizar a educação pública no Estado do Rio, adaptando essas escolas a realidade social das periferias e estimulando os estudantes a se aprofundarem nos estudos com objetivo de conquistarem um futuro brilhante não apenas como trabalhadores, mas também como pessoas.

O projeto dos CIEPs se estabeleceu com muita dificuldade pelo fato de muitos políticos, professores e intelectuais da educação terem se colocado contra essa ideia por fatores diversos que analisaremos ao longo dos capítulos. Uma política que visava uma educação pública de qualidade através da adoção de um ensino integral, porém recheada com uma série de contradições como o orçamento recebido para construção de tais obras, a árdua seleção para escolha de estudantes, além da difícil tarefa imposta para os professores de se aproximarem de seus alunos e de suas respectivas realidades. Um projeto que ia muito além da formação de professores e da preparação de alunos, mas que visava formar cidadãos e pessoas com cultura e educação acima de tudo.

Este trabalho tem como objetivo analisar o funcionamento da formação de professores e de que forma as políticas educacionais propostas pelo PEE traziam à tona um novo recomeço para a educação pública no estado do Rio de Janeiro e as principais críticas ofertadas pelos opositores do governo Brizola.

Capítulo 1

CIEPs: Da Teoria à Prática; conceitos, problematizações e construções.

Os Centros Integrados de Educação Pública se fizeram presentes como a principal proposta de Darcy Ribeiro para a educação que buscava promover inicialmente no estado do Rio de Janeiro. Antropólogo, Historiador, Sociólogo, Cientista político, Darcy Ribeiro sempre foi muito ativo nas relações políticas e na área educacional. Sempre acreditou que a melhor solução para uma sociedade em crise, era o investimento no futuro da mesma, ou seja, as crianças. Participante dessa nova geração de cientistas que surgiam nas décadas de 1950, 1960, buscava trazer pensamentos e críticas inovadoras para uma projeção de sociedade melhor. Assumindo desde cedo cargos ministeriais, no governo de João Goulart, conquistou bagagem e experiência para assumir o cargo de vice-governador do Rio de Janeiro no ano de 1983.

Os CIEPs tinham como objetivo, ser a principal ferramenta de combate ao desequilíbrio educacional vigente no sistema de ensino que dividia por classes sociais, alunos de altas condições financeiras nas escolas privadas, e os alunos de classe mais baixa, nas redes de ensino públicas. Instituído no governo Brizola (1983-1987), os CIEPs tinham como uma função social, estabelecer os meios para que os estudantes das periferias e das favelas tivessem maiores acessos a um sistema educacional de qualidade, visando um aumento da aprovação dos mesmos, nas principais universidades do país. A principal característica dos CIEPs era a extensão do período de estudos, ou seja, um dos sentidos do integral, onde os alunos chegavam pela manhã e permaneciam até o final do dia.

Como veremos adiante, no quesito social, esse horário integral trouxe a resolução de muitos problemas, como a flexibilidade de horários para as mães que não tinham responsáveis para cuidar de seus filhos durante as jornadas de trabalho, a implementação de uma alimentação de qualidade, permitindo que muitas crianças e adolescentes que sofriam com a fome, recebessem uma nutrição de qualidade, uma evolução no processo de ensino que contava com novas metodologias, além do aumento de empregos, visto que foram abertas muitas vagas de concurso para professores e também para outros funcionários, como cozinheiros, faxineiros e outros serviços.

Idealizado pela figura de Darcy Ribeiro, os CIEPs foram uma proposta que vinham ao encontro com as mudanças políticas e econômicas propostas por Brizola. Não bastava que todos tivessem os mesmos direitos, era necessária a implementação de uma política voltada para as classes mais carentes, que permitisse as mesmas de ter o mesmo ponto de partida que as classes mais ricas. Mas focando no campo da educação, fez-se necessário um investimento visando o aumento da equidade. Políticas antigas e regressivas que mantinham um certo privilégio por parte das classes mais abastadas da sociedade, levariam o estado do Rio de Janeiro para um grande caos social, onde a economia ficaria defasada pela perda de mercado consumidor, pois a maior parte da população pertencia às periferias que careciam de reformas sociais e políticas mais humanitárias.

Partindo de um ponto de vista sociológico, Darcy Ribeiro afirmava que a criação de um projeto estudantil, onde o ensino seria realizado de forma integral, era uma grande oportunidade para as classes mais baixas conquistarem com mais afinco, o direito de uma educação com qualidade, equiparando “as escolas do futuro” com as privadas que eram tão disputadas e limitadas apenas para a classe média e alta. Segundo Darcy, esse projeto seria uma experiência mais justa, igual e humanizadora, diminuindo assim, as desigualdades sociais que traziam consigo uma série de preconceitos que são carregados até os dias de hoje, por uma série de processos violentos de dominação de classe realizados ao longo da História, especialmente no Brasil. Assim como o sistema de cotas é criticado nos dias de hoje, os CIEPs também o foram no passado, evidenciando ainda mais os preconceitos contra a classe mais pobre e demonstrando como a educação pública era precária devido a falta de investimentos. As críticas nunca são feitas pelas classes mais necessitadas dessas mudanças. O peso do preconceito, seja racial, ou por diferenças econômicas sempre esteve presente no discurso dos favorecidos enquanto a luta para o fim do mesmo esteve atuante nas classes minoritárias.

Durante a elaboração de um novo sistema educacional, político ou econômico para o país, torna-se quase impossível não lutar contra os fantasmas do passado e cair em um conceito histórico comparativo. Analisando a evolução de outras nações, nos seus moldes políticos diversos e diferentes, levantam-se duas questões, de que forma as escolhas de políticas que mantinham as desigualdades em um passado não tão distante nos afetaram? E de que forma poderemos nos livrar dessa herança histórica que inviabiliza nosso processo de crescimento e total independência? São perguntas difíceis e que até os dias de hoje, ainda não chegamos a um resultado completo e agradável para todos. Contudo, são perguntas que desde

cedo sempre foram estudadas e analisadas pelos principais pensadores do Brasil, dentre eles filósofos, historiadores, sociólogos, além de todos os membros das classes educadoras.

Os principais caminhos que buscam nos fornecer algumas respostas são sempre os mesmos. Há a criação de todo um cenário de vitimização, que de fato ocorreu, mas que não impediu outros países de crescerem e se tornarem grandes potências nas áreas educacionais.

Quando lemos os autores brasileiros especialistas em estudar o passado escravocrata do Brasil, quando ainda lutava por sua plena independência e em formar uma identidade nacional própria sem a influência direta de Portugal, percebemos que eles retratam um completo cenário de inviabilidade de um crescimento social por parte das classes mais baixas, os escravos, homens livres e pobres. Os autores colocam como fatores de impedimento as condições sociais, a falta de oportunidades e na mesma proporção um grande distanciamento entre os mesmos e as políticas predominantes no cenário nacional. Essa exclusão realizada pelos políticos latifundiários e empresários que com bases individualistas e concentração de terras não concediam os mesmos direitos para negros, índios e colonos. Essas classes que ficavam sempre à margem da sociedade, tinham suas realidades negadas pelas leis políticas que eram pensadas apenas em benefício das elites.

Partindo dessa perspectiva, o conceito de vitimização pode ser contextualizado quando se problematiza a falta de oportunidades concedida para essas classes mais baixas, reforçando ainda mais as políticas de exclusão que eram realizadas nos tempos monárquicos, nos primórdios dos períodos republicanos e durante a ditadura militar. Muitos intelectuais de anos anteriores ao de Darcy Ribeiro, afirmavam que a história brasileira ainda sofria com os resquícios de uma forte política de desigualdade desde sua origem, sendo muito difícil de mudar, pois a mesma já estaria muito arraigada. Contudo, surgiram pensadores, professores e intelectuais dispostos a mudar o decorrer dessa história.

Também existe o desenho de um perfil brasileiro cordial, ou seja, que de tão acolhedor, permitimos que os povos ibéricos exercessem durante anos, seus processos de dominação e sofremos com os estilhaços desses atos até os dias de hoje. Um quadro de vitimização e um outro de inferioridade.

Do ponto de vista social, o Brasil sempre foi visto como um país que expressava com ações grande parte das emoções que advinham do coração. Faz-se necessário lembrar de que o amor, a empatia, a tranquilidade, paz de espírito, são todos sentimentos positivos do coração. Entretanto, não podemos esquecer que ódio, raiva, ira, amargura também são produzidos pelo coração. E quando realizados de forma exacerbada, resultam em negatividade e tragédias. Dessa perspectiva podemos justificar os problemas raciais que persistem até hoje, a

individualidade da classe média que não se permite nem por um momento se colocar no lugar dos que mais precisam e inevitavelmente, obtemos resultados negativos, como o fracasso na educação, na economia e em uma série de outras questões que nos fazem rever o verdadeiro conceito de Nação. Existe um estudo muito maior sobre as limitações de nossa sociedade do que uma análise de nossas potencialidades.¹

É importante lembrar que durante o segundo governo Vargas e as sequências de governos populistas vigentes, trouxeram grandes mudanças para o país e um grande crescimento econômico e de direitos sociais. Entretanto, trouxe também um aumento das desigualdades e um acúmulo de preconceitos continuados desde a época escravocrata. Nesse período de modernização, houve uma série de análises dicotômicas como campo vs cidade, rural vs urbano, agrário vs industrialização, que aumentaram de forma exponencial os preconceitos vigentes, separando ainda mais as classes mais carentes, das classes mais abastadas. Os moradores do campo passaram a ser rotulados como símbolo do atraso enquanto nas cidades, os donos de fábrica e dos meios de produção, se consideravam os mais evoluídos e mais próximos do topo da pirâmide social. Analisando por essa perspectiva, fica evidente a grande desigualdade que separava essas classes sociais e que inviabilizava um crescimento do país como Nação.

Darcy Ribeiro, entretanto, tinha como objetivo disseminar o seu pensamento de modernização que deveria atingir todos os membros da sociedade, que a semente deveria ser plantada para que em um futuro próximo, os frutos fossem recolhidos, ou seja, acreditava que os altos investimentos nas escolas e em políticas públicas voltadas para uma reforma social de igualdade e distribuição de renda retornaria no futuro como uma injeção positiva para o corpo frágil da economia que ainda estava em processo de recuperação pós Segunda Guerra Mundial. Essas medidas fariam com que a sociedade obtivesse os meios necessários para mover a economia, expandindo o seu mercado consumidor e na mesma proporção, permitindo que as classes mais baixas conseguissem mais do que o básico para não apenas sobreviver mas viver com qualidade. Abaixo um trecho da linha teórica desses pensadores:

“Tratava-se de um grupo de intelectuais que se pôs como missão, responsabilidade e compromisso encontrar soluções para o País. Àquela altura, o Brasil estava dividido não apenas economicamente entre os muitos desprovidos e os poucos privilegiados, mas demograficamente entre os habitantes dos espaços urbanos e os que lutavam pela permanência ou pela saída no e do mundo rural. Sabemos, os que passamos pelos clássicos do pensamento social brasileiro, que tal divisão provocou mais do que localização espacial: criou categorias de pensamento voltadas para definir regiões e costumes como

¹ Cf em BOMENY, Helena. “A escola no Brasil de Darcy Ribeiro”, Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 109-120, abr. 2009.

atrasados ou modernos, jecas ou sofisticados, provincianos ou metropolitanos. Onde começa e onde termina o mundo rural? E o que significa fazer parte do mundo rural? Tais antinomias acentuadas foram progressivamente perdendo peso, não tanto por terem os problemas e as situações resolvidos a favor da melhoria da condição de vida da população, mas pela aceleração violenta da urbanização do país no maior movimento demográfico de que se tem notícia em tão pouco tempo. Fazer ciência e fazer história, título do capítulo que abre a segunda parte do livro de Villas Bôas, é expressão que pode ser bandeira do empreendimento intelectual da geração que está ali representada por Guerreiro Ramos, Florestan Fernandes e Costa Pinto, mas que poderia também ser estendida a Darcy Ribeiro em igual proporção.”²

Como visto acima, Darcy Ribeiro e outros pensadores da década de 1950, defendiam a tese de que o alcance de um desenvolvimento pleno não era equivalente a um processo de modernização bem sucedido visto que grande parte da sociedade não tinha acesso aos direitos políticos, econômicos, sociais e civis. Ou seja, não havia uma equidade aos direitos que permitissem o envolvimento de todas as classes da sociedade. Para que a sociedade pudesse trabalhar ativamente para movimentar a economia, era necessário que o Estado fornecesse os meios para que isso acontecesse. Darcy Ribeiro era adepto de algumas vertentes de estudo adotadas por alguns sociólogos importantes que afirmavam a necessidade de uma sociedade que seguisse de uma forma divergente dos seus antecessores, desconstruindo esses ideais de atraso para o país, trazendo à tona novas ideias de engajamento para todas as classes sociais. Uma sociedade descontinuada é aquela que não nega o seu passado, mas que também não se acomoda em seguir os mesmos costumes de sua herança cultural, ou seja, uma nação mesmo possuindo um passado de dominação e apropriação cultural por parte de países ibéricos, pode lutar por leis e direitos mais justos e iguais. Uma segunda afirmativa dita por esses cientistas sociais, era de que o passado histórico brasileiro também mostrava uma grande luta por direitos, como revoltas, atos rebeldes e greves em prol de uma política que fornecesse direitos trabalhistas para as classes menos abastadas. Com isso, é possível concluir de que a sociedade é quem constrói a sua própria história com força, garra e atitude. Para isso era necessário que toda a população estivesse engajada na busca por direitos políticos. Exclusivamente nesse caso, quantidade se torna mais importante do que qualidade, visto que com as massas mais fortes e ativas, permitiriam uma maior mobilização.

Para Darcy Ribeiro era importante que teoria e prática caminhassem juntas, ou seja, enquanto o conhecimento fosse transmitido para a população sobre o contexto político atual, permitiria que a sociedade obtivesse um engajamento forte capaz de lutar e provocar mudanças.

² BOMENY, Helena. “A escola no Brasil de Darcy Ribeiro”, Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 109-120, abr. 2009.

Trasladando-nos de volta para o tema dos CIEPs, Darcy Ribeiro defendia abertamente que uma escola pública gratuita de acesso para todos, seria um dos primeiros passos com objetivo de redimir no presente, uma herança cultural desigual que buscava beneficiar apenas a elite. Segundo ele, um ensino integral dentro das escolas públicas, seria um preparo importante para as crianças desenvolverem habilidades sociais para viverem em sociedade. Não foi uma ideia perfeita mas que simbolizava pela primeira vez em anos, uma política educacional que garantia a maior parte das crianças que compunham as classes mais carentes, chances de entrarem no mercado de trabalho e nas vivências em sociedade tais quais as famílias de classe média e alta.

“Um Ciep conteria nele mesmo, em sua dinâmica interna, todos os aspectos de assistência social: educação, saúde, cultura, atendimento odontológico, reforço psicológico e assistência familiar. As ações e os programas especiais estavam previstos e foram desencadeados em unidades específicas de funcionamento.”³

Como visto no trecho acima, muito mais do que defender a universalização do ensino teoricamente, era necessário implementar essas mudanças nas escolas. Ribeiro implantou essas ideias durante o governo Brizola e em cada momento que tinha a oportunidade de discursar sobre a mudança que buscava trazer no panorama educacional estadual, afirmava para a importância de um governo democrático prover educação para a maioria da população. O ideal de “Salvar pela Escola” através do Programa Especial de Educação proposto por Darcy Ribeiro, trazia fortes críticas ao modelo das escolas públicas vigentes, pois afirmava que as mesmas ainda eram seletivas e elitistas e não estariam preparadas para receber os estudantes que não possuíssem os valores e noções sobre os patrimônios culturais da cidade, além de materiais que excediam a capacidade econômica dos envolvidos. Segundo Ribeiro, as escolas públicas fugiam do seu público central visto que exigia da criança pobre a realidade econômica de uma criança rica e com melhores condições, como podemos ver em seu discurso abaixo:

“Ao invés de escamotear a dura realidade em que vive a maioria de seus alunos, proveniente dos segmentos sociais mais pobres, o Ciep compromete-se com ela, para poder transformá-la. É inviável educar crianças desnutridas? Então o Ciep supre as necessidades alimentares dos seus alunos. A maioria dos alunos não têm recursos financeiros? Então o CIEP fornece gratuitamente os uniformes e o material escolar necessário. Os alunos estão expostos a doenças infecciosas, estão com problemas

³ BOMENY, Helena. “A escola no Brasil de Darcy Ribeiro”, Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 109-120, abr. 2009.

dentários ou apresentam deficiência visual ou auditiva? Então o Ciep proporciona a todos eles assistência médica e odontológica.”⁴

Como visto as políticas de redenção através da educação propostas por Darcy Ribeiro traziam consigo uma série de direitos sociais básicos que durante muitos anos foram negados para as classes mais pobres, visto que apenas quem tinha caros planos de saúde poderiam receber consultas e auxílios médicos diversos. Em um esboço de projeto que traziam todas essas mudanças com objetivo de revolucionar e trazer a real significação de pública para as escolas através de um ensino integral, de qualidade e com outras reformas sociais, mostrou um grande interesse estatal em investir nas crianças mais pobres, com objetivo de prepará-las para entrar em um mercado competitivo e desequilibrado. Tudo isso embasa a teoria de Darcy Ribeiro dos altos investimentos na educação que trariam retornos futuros não apenas para o Estado, mas para o país também. Um projeto pensado para as crianças que segundo ele, não estavam sendo preparadas, bem cuidadas e ensinadas. O ensino integral surge como uma mudança objetivando ser um projeto de formação, como podemos ver no trecho abaixo:

“Os três turnos seria a evidência do que Darcy Ribeiro classificava como "escola mentirosa" – a que não ensina, a que não prepara, a que não cuida. E a que sequer responde pelo turno parcial, porque as crianças efetivamente não tinham mais que três horas de ocupação – repetia o então vice-governador em muitos depoimentos e entrevistas nas mídias impressa e televisiva.”⁵

Para dar conta do número de alunos matriculados na rede pública, dividia o horário escolar em três turnos. Esses horários dividiam-se na parte da manhã, da tarde e ao fim dela. Darcy Ribeiro partia de uma perspectiva bem incisiva para defender de forma ainda mais acalorada a criação dos CIEPs e da implementação do ensino público integral. Em suas palavras, “ *o Brasil paga um alto preço pela elite que tem.*” Com essa frase, ele buscava diagnosticar que o problema para o fomento da desigualdade social brasileira poderia ser facilmente resolvido se durante anos, o governo não tivesse permitido uma ascendência de uma elite burguesa inteligente e perspicaz na luta por manter os direitos políticos, sociais e econômicos, apenas entre eles. Segundo ele, com o passar do tempo, “*Uma elite muito esperta tratou de moer e explorar ao limite o povo deixando-o como bagaço de cana, sem suco e sem viço.*” Partindo desse pressuposto, Darcy Ribeiro não atribuía o insucesso do país a falta de capacidade do povo, visto que o mesmo foi “*excluído e não reprovado como incapaz.*” Segundo ele, o povo havia sido incorporado na busca pela formação de uma nação, mas havia ficado

⁴ Ribeiro, 1986, p.48.

⁵ BOMENY, Helena. “A escola no Brasil de Darcy Ribeiro”, Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 109-120, abr. 2009.

isolado dos projetos que foram voltados para uma elite conservadora e que mantiveram os mesmos ideais de dominação e preconceito em relação aos pardos, negros e imigrantes. O somatório das forças preconceituosas de racismo e xenofobia foram pilares para a continuidade do domínio elitista sobre as classes trabalhadoras. Importante mencionar que isso também era refletido diretamente na educação brasileira, onde a falta de investimento nas escolas públicas era evidente enquanto havia uma prioridade para os investimentos nos colégios privados e católicos.

Um outro ponto que deve ser abordado, é relembrar dos períodos de transformação social que o país vinha passando e de seus intensos períodos de reconstrução nas cidades que trazia consigo profundas mudanças demográficas, onde a maior parte das pessoas que moravam nas áreas rurais, passaram a viver com suas famílias nas recém formadas cidades urbanas. Visto que a maior parte da sociedade não queria fazer parte dos números gráficos correspondentes ao atraso, grande parte das famílias rurais venderam suas pequenas propriedades para começar uma nova história nas cidades, muitos endividados também deixaram os campos para adentrar as regiões urbanas que enfrentavam grandes dificuldades para suportar o êxodo rural. As pessoas que chegavam, encontravam grandes dificuldades de alocações e empregos. Não podemos esquecer que muitas famílias que não possuíam boas condições nas décadas de 1920 e 1930, ascendentes das gerações presentes no governo Brizola, tiveram que morar em cortiços e após as derrubadas dos mesmos, por necessidade tiveram que construir suas casas nas regiões mais instáveis, nos altos dos morros, dando início as grandes favelas cariocas que conhecemos nos dias de hoje.

Perpassando alguns anos importantes da história para delimitarmos nosso tema, retomamos o assunto para o período em que a proposta de Darcy Ribeiro foi discutida e implementada. Em uma década conturbada, os ideais de educação inovadores para o período anunciavam que o período de redemocratização não poderiam mais negar a existência das classes sociais mais carentes. Darcy Ribeiro dissemina sua proposta na década de 1980, pouco tempo depois do fim do regime militar que reforçou ainda mais essa monopolização da educação, onde apenas as classes mais abastadas tinham acesso. A ideia dos CIEPs surgiria como algo revolucionário pelo fato desse projeto ter sido engavetado pelos governantes militares que tinham outras prioridades como manter seus privilégios e dos seus semelhantes intactos.⁶ Esse projeto ressurgiu das cinzas após anos de invisibilidade nos governos militares, trazendo uma reforma social que era aguardada por grande parte da população, trazendo consigo a ideia de que o processo de redemocratização viria com uma porção de ideias que permitiriam um maior

⁶ Ideia dos CIEPs projetada no ano de 1982 nos anos finais da ditadura militar

engajamento das classes mais carentes com a sociedade em si. A idealização de um país mais justo, igual e equilibrado mesmo que utópico em um primeiro momento tinha como ideia central produzir um aumento no sentimento de pertencimento nas classes mais trabalhadoras e esperançosas por mudanças.

Um outro ponto que merece destaque, é o desejo de Darcy Ribeiro que os CIEPs recebessem um investimento governamental alto para que pudessem sobrepor os resultados de aprovação em relação aos colégios privados, com objetivo de atrair a classe média. Uma justificativa plausível para isso, era a necessidade de provar que os ensinos públicos integrais financiados pelo Estado poderiam ser tão bons quanto o das escolas particulares.

Trazendo um comparativo com às salas de aula da contemporaneidade, por vezes escutamos alunos relatando “ameaças” por parte de seus pais, que caso seu desempenho não melhore, ou que seu rendimento não obtenha destaque nos colégios particulares, o mesmo será matriculado em uma escola pública qualquer, como se estudar de forma gratuita fosse algo ruim, ou algum tipo de punição. Muitos pais e alunos possuem um grande complexo por falta de conhecimento ou preconceito em relação às escolas públicas e era isso que Darcy Ribeiro idealizava mudar. Na sua concepção, os CIEPs deveriam ser atrativos para os pais pertencentes a classe média, ao ponto de haver uma disputa por matrículas. Estudar nesses locais não deveriam ser motivo de vergonha, mas de orgulho.

Contudo, em um determinado momento do seu discurso, Ribeiro entrou em contradição, pois seu projeto que foi idealizado para ser desenvolvido a longo prazo e trazer resultados no futuro, se transformou em um projeto de massificação para provar seu próprio ponto de vista. A luta pedagógica foi substituída por uma defesa de ideais políticos visto que era muito difícil fazer com que um projeto obtivesse seu apogeu em apenas 8 anos de governo, como podemos ver no trecho abaixo:

“Há certo consenso a respeito dos prejuízos ao programa de instalação de centenas de unidades em um experimento completamente inovador e com muitas funções mais do que qualquer programa escolar havia considerado até então. Darcy Ribeiro ousa massificar um experimento - um contra-senso nos próprios termos.”⁷

Para finalizar esse primeiro momento, é preciso admitir que o projeto foi falho e trouxe consigo uma série de contradições, contudo recebeu um grande destaque e mesmo com os problemas, os CIEPs se tornaram os principais pontos de referência no que tange ao ensino integral e público do Brasil. Romper com a ideia de atraso era fundamental mas para isso seria

⁷ BOMENY, Helena. “A escola no Brasil de Darcy Ribeiro”, Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 109-120, abr. 2009.

necessário provar para os responsáveis dessas crianças, de que as mesmas poderiam ter um futuro melhor. Nesse mesmo artigo de Helena Bomeny, ela entrevista uma série de professores que trabalharam nos CIEPs desde a sua fundação e algumas respostas são bem conclusivas para justificar parte do fracasso desses Centros Educacionais.

Em seus relatos, os entrevistados sempre alertaram de que os pais eram contra o processo de educação integral, pois acreditavam que os filhos deveriam estar em casa realizando atividades domésticas, como arrumar a casa, cuidar dos irmãos menores e outros afazeres considerados mais importantes que estudar. Devido esse motivo de resistência por parte de alguns pais, talvez por possuírem uma visão muito limitada da realidade, fizeram com que parte desses grandes CIEPs fossem construídos em vão. Afirmo isso baseado na entrevista realizada por Bomeny, com a professora Heloisa Menandro⁸ que lembrou como um dos maiores CIEPs do Rio, o de Ipanema, ficou abandonado e inutilizado pela falta de alunos e uma de suas poucas serventias foi abrigar moradores de rua e necessitados em um grande período de enchentes. Toda a problematização em torno da construção dos CIEPs, suas vantagens, desvantagens, sucessos e fracassos, não pode ser baseada somente no estudo das políticas exercidas, mas deve ser estendida também a grande parte da sociedade que foram contra a educação integral por Ribeiro planejada, incluindo aí as classes populares.

Em contrapartida aos diversos relatos de famílias que consideravam a presença dos filhos em casa mais importante do que na escola, deixando muitas salas de aula vazias, existem outras lembranças que nos remetem a uma valorização dos CIEPs, por parte de quem aderiu a causa. Nesta mesma entrevista de Bomeny com a professora Heloísa, há um destaque para uma outra mãe que ao encontrar-se com a educadora, de pronto se mostrou agradecida, pois seu filho havia passado a vida inteira no CIEP, garantindo um futuro de qualidade, onde o mesmo conseguiu adentrar em uma ótima faculdade, privilégio que antes era presente apenas para as classes mais abastadas. Inclusive, fazendo um adendo, essa mesma mãe reclamou de que os CIEPs próximos da casa dela haviam sido fechados, demonstrando bastante insegurança em relação ao processo de aprendizagem no futuro. Com isso, afirmo que é necessário realizar uma balança com prós e contras, para colocar em pauta a eficácia que os CIEPs obtiveram no passado e se devido toda sua trajetória, os investimentos que são realizados nos dias de hoje não deveriam ser superiores. Permitir que uma das principais soluções para os alunos da rede pública seja tratada como sucata, não é um ato inteligente por

⁸ Depoimento de Heloisa Menandro a Helena Bomeny em 19 de setembro de 2006, no CPDOC/FGV.

parte da elite política que muito fala de inserir os jovens na economia, mas não lhes dão os meios necessários para isso.⁹

CIEPs: Da Formação de alunos a Formação de Professores

Como vimos na primeira parte deste capítulo, Darcy Ribeiro tinha a crença de que as escolas tinham a capacidade de promover mudanças sociais através do tempo, onde os menores que antes marginalizados, dentro dos CIEPs, não teriam tempo para pensar em outra coisa senão a educação. Na mesma proporção garantiria uma formação de professores bem intensa e clara, visto que nesses espaços, a organização das aulas, reuniões, palestras de especialização e tempos para preparo de aulas e correção de provas era muito bem dividido, possibilitando que os educadores tivessem uma flexibilidade baseada na sua disponibilidade. Uma escola que apresenta uma série de mudanças nos currículos estudantis, considerando o montante de atividades que foram inseridas no mesmo. É importante afirmar que na teoria, não existiam mais atividades extra curriculares, visto que as mesmas eram incorporadas dentro do currículo. Os alunos frequentavam os CIEPs diariamente, participando de uma série de aulas, além de práticas de educação física, palestras para formação de caráter, entre outras atividades.

Devido a grande quantidade de tempo que os CIEPs demandavam de seus alunos e professores, era necessário que o mesmo cuidasse de forma adequada dos seus estudantes e seus educadores. Partindo desse ponto, essas grandes escolas forneciam alimentação baseada nos quadros nutricionais, que ressuscitavam um processo de socialização e confraternização visto que alunos e professores sentavam juntos na hora de comer. Uma tentativa de diminuir essa distância social entre alunos e professores. Uma outra característica importante, é a presença dos CIEPs principalmente nas regiões mais carentes, onde havia uma grande quantidade de famílias mais necessitadas, permitindo que os alunos desenvolvessem atividades de forma gratuita que em outros cenários, não seria possível. A prática de esportes, de produção artística, de aconselhamento psicológico, de aprendizado de novas tecnologias como computadores são ações aparentemente simples para muitas pessoas, mas que seriam impossíveis para essas crianças e adolescentes mais carentes realizarem. Os CIEPs trazem uma humanização maior para os campos educacionais, pois permite que todos tenham acesso ao mesmo aparelhado que as crianças mais privilegiadas também tem. Ana Maria Monteiro afirma o seguinte em seu artigo:

⁹ BOMENY, Helena. Darcy Ribeiro: Sociologia de um indisciplinado. Belo Horizonte, Ed. da UFMG, 2001.

“Localizados prioritariamente em áreas onde se concentram grandes contingentes de população empobrecida e carente, os Cieps oferecem aos alunos oportunidades de desenvolver atividades diversificadas que, no caso da escola de turnos, as famílias precisariam pagar para que seus filhos pudessem delas usufruir. Assim, eles propiciam ampliação do tempo e das possibilidades de uso do espaço escolar, lugar onde referências culturais se mesclam com afetividades em construção identitária. Tantas atividades exigem um espaço amplo e aberto – onde se possa vivenciar a liberdade e aprender que as regras são necessárias para a convivência respeitosa e solidária –, com múltiplas possibilidades de uso: salas de aula, biblioteca, sala de leitura, salas de estudo dirigido, sala de vídeo, quadra de educação física, banheiros, refeitório, cozinha, pátio, rampas, sala de professores, salas para a administração. O modelo arquitetônico, concebido especificamente para o uso escolar, oferece as bases para a realização plena da construção de novas unidades com as mesmas possibilidades de uso nas diferentes regiões do Estado.”¹⁰

Um ponto importante para lembrar é que uma das principais propostas do CIEP, consiste em levantar a auto-estima de seus alunos, visto que os mesmos são moradores de áreas carentes e são considerados peças chave para o desenvolvimento da escola. Elevar o aluno ao patamar de que a escola não funcionaria sem ele, valorizando também o serviço dos professores e de outros funcionários aumenta a busca por uma construção identitária de empatia e sociabilidade em ambas as partes. Um outro fator que difere os CIEPs de outras escolas, é que o mesmo busca um processo de integração que ultrapassa os limites de matéria e das atividades. Eles buscam uma integração com objetivo de inserir os alunos na história da escola sem que os mesmos percam a sua própria. Justificando a frase anterior, os CIEPs buscam agregar os valores e conhecimentos que devem ser transmitidos durante as aulas com os saberes e vivências que os próprios estudantes trazem da região em que vivem. Mudar a perspectiva, trazendo uma inovação na forma de ensino e aprendizagem, onde os alunos não são “tábulas-rasas” mas possuem sim conhecimentos que devem ser perpassados e analisados durante as aulas.

As atividades pedagógicas tem uma forte influência da cultura, onde todas as atividades são baseadas e construídas nos principais pilares que permitem um desenvolvimento de um diálogo construtivo e transformador. Partindo desse prisma, os CIEPs buscam uma valorização cultural não permitindo que os meios de comunicação sufoquem ou coloquem no esquecimento alguns fatores regionais que tendem a desaparecer com o aumento das tecnologias. Um processo de integração que busca uma participação ativa por parte dos alunos e de suas diferentes classes e origens. Sendo assim, há um grande enfoque para que nenhum dos alunos mais pobres, ou de outras religiões sofram preconceito. A busca por uma

¹⁰ MONTEIRO, Ana Maria. “Ciep – escola de formação de professores”, Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 35-49, abr. 2009.

compreensão e um crescimento conjunto com objetivo de preparar os estudantes para viver em sociedade.

“Essa perspectiva, que reconhece e afirma radicalmente a dimensão cultural nos processos educativos, contribui para tornar o Ciep lugar de indução de trocas culturais intensas e de afirmação de identidades sociais dos diferentes grupos presentes. Essa integração implica, assim, a abertura para o recebimento de crianças sem nenhuma distinção de cor, religião, gênero ou condição física, em perspectiva que assume a inclusão em sua plenitude. Comprometido com a mudança social, incorpora um trabalho de resgate de tradições em diálogo contínuo com práticas culturais contemporâneas. A reelaboração e reconstrução realizada permite que alunos e professores se apropriem de formas renovadas de pensar e compreender o mundo, superando preconceitos e equívocos, ampliando e afirmando noções fundamentais para o exercício da cidadania.”¹¹

Uma outra característica importante dos CIEPs, é a intensa preocupação que os mesmos possuem com a saúde, realizando uma série de atividades voltadas para isso, além de palestras e reuniões que tem por objetivo organizar e articular projetos futuros para serem realizados durante o ano letivo, além de estabelecer novos parâmetros do que pode ser melhorado ou alcançado. O ensino, cuja preocupação maior é o processo de conscientização dos alunos, fazendo com que essas políticas e ações de combate a proliferação de doenças e bactérias cheguem ao longo das comunidades e periferias onde os estudantes moram. É uma ideia de trabalho coletivo, onde os alunos captam a ideia de melhora e levam isso adiante para suas famílias, seus amigos, provocando em pouquinhos, um processo de mudança.

Esse processo de integração ocorre também nas camadas administrativas dessas escolas que exigem um grande nível de comprometimento e dedicação para que tudo fique organizado. Os responsáveis pelas gestões, sejam membros da direção ou coordenação, precisam concentrar seus esforços em movimentos de pessoas e educadores que são necessários para demanda pedagógica, onde as matérias devem ser trabalhadas de maneira trans e interdisciplinar, possibilitando um aprofundamento maior das matérias e facilitando o aprendizado dos alunos. Segundo, a autora¹² “a escola é um espaço de produção de saberes, vivo e dinâmico, no qual alunos e professores são sujeitos e participantes ativos do processo de criação cultural.” Com base nessa afirmativa podemos justificar a autonomia que os professores possuem para ensinar e uma liberdade maior dos alunos para se expressar, trabalhando com os conceitos de lugar de fala e conhecimento.

Um outro ponto importante é a grande dedicação dos CIEPs ao EJA, que consiste na educação de jovens e adultos que não conseguiram obter um estudo de qualidade durante a vida e recebem uma segunda chance, através de matérias básicas, até a adesão de cursos

¹¹ MONTEIRO, Ana Maria. “Ciep – escola de formação de professores”, Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 35-49, abr. 2009.

¹² MONTEIRO, Ana Maria.

profissionalizantes garantindo para muito destes uma oportunidade no mercado de trabalho, compensando grande parte do tempo perdido desses estudantes. Isso reforça o conceito de Ribeiro de que a escola sempre será universal, aberta e livre para todos que queiram estudar e aumentar seus conhecimentos, não esquecendo de que o mesmo era adepto de investir mais na educação infantil do que na ensino de jovens e adultos na prática.

A construção de colégios que suportavam uma grande capacidade de alunos e que na mesma proporção traziam valores diferenciados, onde todas as classes, raças e religiões podiam se misturar, pensando na formação de um ensino universal e plural, sem preconceitos e barreiras limitantes, fizeram com que os CIEPs conquistassem uma grande visibilidade social, cultural e econômica também.

Trasladando-nos de volta para o tema, podemos afirmar que os CIEPs investem com muita intensidade na formação de professores, pois concede uma série de liberdades que permitem aos educadores um grande aprendizado em sua rotina acadêmica visto que os mesmos não ocupam uma mesma função. Diferentemente do plano sistemático de outros colégios, que trabalham de forma mais engessada, onde cada professor do primário por exemplo, dá todas as disciplinas para uma mesma turma, os CIEPs aumentam a flexibilidade e o rodízio dos educadores para reforçar o conceito de aulas mais dinâmicas, interligadas, que fixem os alunos na compreensão da matéria, além da busca por uma troca, uma partilha entre professor e aluno. Além disso, há a inclusão de muitos profissionais de áreas distintas que trazem seu ponto de vista e análise sobre muitas temáticas importantes.

Contribuindo também para a formação dos professores, conta muito as experiências adquiridas em sala de aula visto que cada turma possui suas peculiaridades que a tornam especial. Trabalhando com a problemática de uma escola completamente popular e voltada para as classes mais carentes, os educadores levantam uma questão muito importante para ser debatida. No ensino de História especificamente, que é o centro de nosso estudo, estudamos que por vezes os conteúdos que compõem os currículos escolares, contam em sua maioria a História dos vencedores, focando muito em temas como a forte dominação européia e como esses povos avançaram territorialmente, menosprezando a memória dos vencidos, dos povos que por séculos sofreram com a opressão e com um processo de desculturação, onde tiveram sua cultura suprimida pelos ideais religiosos europeus.

Analisando por essa perspectiva, seria correto em uma escola voltada para as classes mais pobres, com uma grande diversidade cultural, temas de povos dominantes se sobressaírem aos povos indígenas, ou negros ou asiáticos? Os saberes construídos nas escolas deixavam de fora classes importantes como as mulheres, os afro descendentes, os imigrantes,

os índios e outras mais que tiveram uma grande importância para a História, mas tinham sua memória ofuscada por feitos de dominação dos povos ibéricos. Eles apareciam apenas como auxiliares em um panorama completamente desigual.

Dessa forma foi elaborada uma quebra de paradigmas no que tange a forma de ensino. Essas mudanças tinham como principal objetivo deixar de analisar a História por um eixo eurocêntrico, e estudá-la por outras perspectivas, principalmente quando o foco era a História do Brasil. Para descaracterizar essa monopolização do ensino pelas classes dominantes, era necessário que as camadas populares insatisfeitas se manifestassem, exigindo uma mudança na estrutura das matérias, considerando parte da sua história. Contudo, o silenciamento dessas classes, a falta de voz das mesmas, foram fundamentais para a continuidade dessa reprodução de ensino por parte das classes dominantes.

Durante muito tempo visões negativas sobre as escolas foram disseminadas e pregadas como uma verdade absoluta, que consistia em justificar que esses espaços de ensino aumentavam as desigualdades sociais, reafirmavam as hierarquias de dominação, além de promover um forte embate entre classes sociais distintas e opostas. Essas críticas ao modelo escolar vigente insistiam em dizer que o ambiente de ensino permitia essas reproduções de discursos dominantes e afirmava cada vez mais a ordem social e política do período.

Entretanto, surgiram também nas décadas de 1970, 1980 e 1990, novas correntes ideológicas que ponderavam a escola como um local de luta, resistência das camadas populares na busca por um ensino mais equilibrado e com qualidade, além de um grande espaço político que permitia um debate sobre sociedade, cultura, democracia e outros assuntos como veremos no trecho abaixo:

“Posteriormente, já na década de 1980, começaram a ser ressaltadas as contradições, as resistências e as lutas que ocorrem no processo escolar, discutindo-se como organizá-lo em favor da emancipação individual e coletiva. Essas propostas ofereceram importantes contribuições para movimentos que, diferentemente de visões extremamente pessimistas em relação à escola, vista como instrumento de reprodução das desigualdades e hierarquias sociais, passaram a considerá-la um espaço político com potencial para lutas de resistência e para a transformação social e emancipação de grupos dominados e oprimidos.”¹³

Os CIEPs surgiram exatamente nesse momento como uma proposta revolucionária no âmbito do ensino, pois traziam desde o seu projeto, esses ideais de igualdade, o desejo dos organizadores por mudanças, um acesso a educação de forma mais acessível, além de trazer conhecimentos para as camadas populares, garantindo-lhes chances iguais no mercado de

¹³ MONTEIRO, Ana Maria. “Ciep – escola de formação de professores”, Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 35-49, abr. 2009.

trabalho. Para além disso, os CIEPs também tinham como objetivo trazer uma educação modernizadora e libertadora, valorizando a História nacional, e seus acontecimentos. Transformar em protagonistas, personagens que apenas apareceram como figurantes nos pontos de vista europeus. Os CIEPs seriam os espaços privilegiados que poderiam criticar as desigualdades sociais vistas no país, além de serem ativos na formação de uma frente que lutasse pela construção de uma sociedade mais justa e respeitosa capaz de conviver harmonicamente independente das diferentes condições financeiras ou sociais. Uma luta estampada contra o preconceito que se apresentava como racismo, homofobia, xenofobia, intolerâncias religiosas entre outros.

Uma das principais mudanças trazidas pelos CIEPs nesse novo modelo educacional, foi o alinhamento dos saberes populares junto das produções artísticas e culturais que juntos, permitiam a formação de um ensino alternativo que se inserisse e criticasse o currículo oficial vigente naquela época.

“Operação cultural complexa, esse processo de trocas culturais entre diferentes sujeitos – alunos, pais, membros das comunidades, professores e animadores culturais – implicou disputas, resistências e apropriações diferenciadas. A (re)construção do currículo no âmbito da instituição mantendo os princípios básicos do projeto dos Cieps foi e é um desafio enfrentado de forma inovadora e corajosa.”¹⁴

Para Darcy Ribeiro, toda essa troca cultural, esse engajamento da sociedade como um todo, a possibilidade de escutar novas experiências, de contar com a participação ativa dos pais, avós, conselheiros e membros da comunidade foram os principais motores para a construção de uma nova identidade escolar. Darcy Ribeiro acreditava que o ensino nos CIEPs, devia condizer com a realidade dos alunos, e retratar a história de luta dessas comunidades populares. Desse ponto de vista, podemos afirmar a desconstrução desses conhecimentos partilhados pelas classes dominantes e uma valorização maior da cultura afro, indígena e das mulheres também. Com todas estas propostas de mudança efetivadas e postas em prática, os CIEPs puderam enfim se comprometer com a causa, buscando ser um espaço que trouxesse grandes transformações sociais, garantindo uma formação de valores, princípios, além de tomar atitudes questionadoras e não autoritárias, valorizando as opiniões dos alunos e suas perspectivas.¹⁵

¹⁴ MONTEIRO, Ana Maria. “Ciep – escola de formação de professores”, Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 35-49, abr. 2009.

¹⁵ MONTEIRO, Ana Maria. “Ciep – escola de formação de professores”, Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 35-49, abr. 2009.

Para finalizar esse capítulo, eu volto a frisar alguns questionamentos realizados no início do mesmo, além de algumas perguntas que buscaremos pensar no próximo capítulo.

De que forma as opções políticas de um passado não tão distante nos afetaram? De que forma poderemos nos livrar dessa herança histórica que inviabiliza nosso processo de crescimento e total independência? Uma outra pergunta importante é por qual razão os governos pós Brizola deixaram de investir em uma proposta inovadora de ensino que vinha dando tão certo? Como Darcy Ribeiro propagou os ideais de construção dos CIEPs para todo o Brasil? Até que ponto os CIEPs contribuíram como espaço de luta por igualdade na educação e de direitos? E por fim, uma das perguntas mais importantes, de que forma os CIEPs colaboraram para a formação de novos professores?

Perguntas que até os dias de hoje, não se tem uma resposta conclusiva e satisfatória, mas é de suma importância termos esses mesmos questionamentos como horizonte. Contudo, isso não nos impede de pensar e ouvir o que grandes pensadores dessa época discursaram sobre. Utilizando como base o livro dos CIEPs e uma série de artigos de autores especialistas no ensino, buscaremos abordar nos próximos capítulos o porquê de um projeto tão bom e importante para as comunidades, nos dias atuais, sofrer com tanto descaso, abandono, falta de investimento e segurança.

Capítulo 2

O PEE e a Formação de Professores nos CIEPs

Este capítulo tem como objetivo tratar de uma das principais questões e debates do nosso presente trabalho, que consiste no processo da formação de professores nos CIEPs, suas práticas, seus projetos, objetivos e de que forma atuou positivamente na alfabetização, preparação, capacitação e formação de muitos alunos. E para além de tudo isso, de que forma forneceu direitos e garantias iguais para que seus estudantes pudessem adentrar ao nível superior e no mercado de trabalho ativa e intensamente.

Fornecer as condições para que seus alunos entrem comprometidos e ativos para auxiliar no mover da economia, foi importante. Contudo, os CIEPs quebraram barreiras que desde décadas de sua criação se mostravam cada vez mais intransponíveis, muralhas tais como, as desigualdades sociais, os grandes preconceitos étnico-culturais, xenofobia, racismo, falta de ações sociais voltadas para as classes menos abastadas e principalmente, a ausência de um ensino de qualidade e acessível para aqueles que não possuíam condições de frequentar as escolas de ensino privado.

Tomando como base o **Livro dos CIEPs** escrito por Darcy Ribeiro, podemos ver um grande paradoxo na linha temporal. Se analisarmos os gráficos que se estendem desde a década de 1930 até a década de 1980, observamos que em cada ano o número de vagas na escola aumentou, mas em contrapartida, o número de analfabetos que saíam da mesma também. Muitos alunos se formavam sem ter o domínio da leitura, da escrita, apresentando problemas para resolver simples questões de lógica, pois segundo Darcy Ribeiro, a escola atuava de forma mentirosa e sem preparo nenhum para educar e preparar os alunos para se estabelecer em sociedade, como podemos ver no trecho abaixo:

“O que se obteve com esse crescimento meramente quantitativo foi uma escola de mentira, incapaz até mesmo de cumprir a tarefa elementar de alfabetizar a população. Nas últimas décadas em que o Brasil “progrediu” tão assinalavelmente em tantos campos, só viu crescer o número de analfabetos adultos. Examinando o resultado do censo de 1970, para o conjunto do Brasil, veremos que do total de 65,8 milhões de brasileiros com mais de 10 anos de idade, 24 milhões nunca tinham ido à escola. Cinco milhões tinham tido apenas um ano de escola e sete milhões, só dois. Tínhamos, conforme se verifica, 32 milhões de habitantes, que eram analfabetos funcionais. O censo nacional de 1980 reproduzia quase os mesmos números absolutos de analfabetos funcionais, que aumentaram de 32 para 36,3 milhões, demonstrando assim que os problemas educacionais só têm se agravado.”¹⁶

Como vimos no trecho acima, Darcy Ribeiro denunciava o grave problema que as escolas públicas da época apresentavam, que consistia na formação de alunos despreparados, que frequentavam as aulas desde a infância e chegavam na idade adulta analfabetos. Dessa forma os índices de melhora na educação funcionavam apenas como uma fachada para ocultar um problema que crescia exponencialmente. Uma exemplificação fornecida por Darcy Ribeiro para demonstrar como o nível de nossa escolaridade estava muito abaixo do que se mostrava nos gráficos, foi o exemplo do Paraguai e Bolívia, cujas populações falavam línguas ameríndias nativas, mas nas escolas eram obrigadas a receberem alfabetização em espanhol, aumentando em muito a dificuldade de aprendizado. Mesmo com essa barreira entre uma língua e outra, os alunos bolivianos e paraguaios aprendiam mais do que os brasileiros. Em âmbito de comparação, os investimentos governamentais realizados por esses países na educação pública eram muito superiores mesmo possuindo menores condições econômicas. O grande paradoxo visto nos índices educacionais brasileiros só reafirmava a falta de interesse dos políticos de investirem em uma educação para toda a população.

Darcy Ribeiro traz novamente à tona os falaciosos discursos por parte da classe dominante e adotada também por alguns “*educadores alienados*”¹⁷ que culpam o meio das crianças como o principal motivo para suas dificuldades escolares. Segundo os mesmos, as crianças traziam de casa deficiências e uma série de bloqueios que inviabilizavam os educadores de realizar seu trabalho. Por esse motivo, Darcy Ribeiro afirma que as escolas públicas tinham muitos erros, pois as mesmas deveriam ser um espaço de luta e busca por mudanças sociais. Em contrapartida, elas evidenciavam as grandes distâncias econômicas que um estudante apresentava para o outro.

Recuperando um pensamento do capítulo anterior, as escolas públicas permitiam essas desigualdades, no momento que a educação gratuita “voltada para população”, exigia compra de materiais e uniformes em preços completamente surreais para as classes menos abastadas. A escola havia se transformado em um espaço antipopular, onde mesmo sendo pública não

¹⁶ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986.

¹⁷ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.13.

preparava os alunos para uma vida pós-escola. Era necessário quebrar esse ideal de que a maioria da sociedade brasileira era ineducável, visto que essas carências eram evidenciadas em muitos lugares do Brasil.

Um ponto importante para ser destacado é o estudo do meio no qual as crianças vivem. Parafraseando Darcy Ribeiro, se torna injusta que crianças tenham que competir nas escolas se os meios são desiguais. Uma criança que mora na área nobre da cidade cuja única função é estudar e muitas das vezes acompanhado por uma orientadora ou explicadora, não terá que se esforçar no mesmo nível que uma criança moradora da periferia, das favelas cariocas que além de estudar, precisam cuidar de seu lar, de seus irmãos, vender balas nos sinais e realizar uma série de outros desafios para manter sua família e a si próprio. Muitas crianças não aprendiam com qualidade, pois no tempo livre, se ocupava em garantir o sustento do dia seguinte, auxiliando seus pais, deixando os estudos em segundo plano. A falta de empatia por parte dos educadores e intelectuais em entender essas situações e avaliar medidas alternativas de ensino para agregar esses estudantes, fez com que a educação pública do período ficasse defasada e desacreditada.

Talvez por essa falta de investimentos desde o início do período republicano, muitos pais que não tiveram a oportunidade de estudar nesse tempo, desacreditaram do poder de mudança trazido pelo ensino, e foram contra as medidas propostas pelos CIEPs, não permitindo que seus filhos frequentassem a escola em horário integral. Erros políticos graves do passado que continuam nos assombrando atualmente.

“Uma degradação tão grande e tão perversa do sistema educacional só se explica por uma deformação da própria sociedade. Nosso desigualitarismo cruel, que conduz ao descaso pelas necessidades do povo, leva à incúria também no campo da educação, permitindo que viceje esse monstro que é uma escola pública antipopular.

Suas causas, a nosso juízo, residem nas camadas mais profundas do nosso ser nacional e dizem respeito ao caráter mesmo de nossa sociedade. Tememos, até, que nós brasileiros, pela sociedade que somos e pela forma como ela está organizada, estejamos estruturados de maneira pervertida. Somos uma sociedade deformada que carrega dentro de si cicatrizes e malformações históricas profundas que teremos muitas dificuldades em superar. Dificuldades tanto maiores quanto mais tardemos em reconhecê-las e em denunciá-las.”¹⁸

O conceito de escola antipopular de Darcy Ribeiro pode ser explicado como um sistema educacional público, que recebe investimentos do governo para beneficiar a população, mas que se perde e faz exatamente o contrário. Os 80% da população mais carente e necessitada de receber os benefícios da escola são excluídos e o aparelhamento de ensino

¹⁸ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.14.

funciona como desmotivador para os alunos. Um grande índice de alunos iniciam no primário mas poucos se formam no último ano do Ensino Médio. A escola em vez de funcionar como uma mola que estica e amplia seus conhecimentos para todos os que precisam, adota o sistema de peneira, excluindo os alunos com maior dificuldade de aprendizado. Muito mais importante do que gráficos que mascaram os reais resultados, faz-se necessário uma mudança nos programas estudantis e também na forma de projeção do conceito “escola pública”.

Outro ponto importante dessa fala de Darcy Ribeiro, é a defesa do mesmo que os descasos do Estado com a educação eram advindos de um período muito mais antigo, extensivo dos tempos coloniais até o período vigente da época. Darcy Ribeiro buscou afirmar que desde a colônia, nunca foi um objetivo central dos administradores educar toda a população e hoje os péssimos resultados são os frutos de um plantio fadado ao fracasso.

“Nossa incapacidade de educar a população, como a de alimentá-la, se deve ao próprio caráter da sociedade nacional. Somos uma sociedade enferma de desigualdade, enferma de descaso por sua população. Assim é, porque aos olhos das nossas classes dominantes, antigas e modernas, o povo é o que há de mais reles. Seu destino e suas aspirações não lhes interessa, porque o povo, a gente comum, os trabalhadores, são tidos como uma mera força de trabalho, destinada a ser desgastada na produção. É preciso ter coragem de ver este fato porque só a partir dele, podemos romper nossa condenação ao atraso e à pobreza, decorrentes de um subdesenvolvimento de caráter autoperpetuante.”¹⁹

Relembrando de nossas raízes históricas, Darcy Ribeiro busca justificar que a incapacidade da sociedade de ensinar de forma igualitária e com qualidade para todos, muito se deve ao nosso histórico de dominação e dominado. Considera que o atraso educacional é resquício do escravismo, exemplificado na relação entre o negro que era obrigado a aprender um novo idioma e esquecer de sua cultura por não ser “**aceitável**” à época, e seu senhor que recebia todos os benefícios e aprendizados desde a infância e só se preocupava se a sua fonte de renda e força de trabalho estava-lhe rendendo frutos e ganhos. Darcy Ribeiro afirmava as classes dominantes reproduziam em contextos diferentes, os mesmos atos que os colonizadores, senhores de escravos e donos de terra praticavam com mulheres, negros, indígenas e outras classes consideradas minoritárias mesmo sendo a maior em números. A inabilidade de se investir em uma escola de qualidade era a mesma de estabelecer uma economia equilibrada permitindo que todos vivessem de forma adequada, diminuindo as crises sociais, desempregos e desigualdades. Era de suma importância para o crescimento e evolução da sociedade, uma reformulação da História vigente, ou seja, era mais do que tardia uma mudança que rompesse com a permanência desse passado. Uma transformação que alterasse o modelo de educação vigente, onde as classes menos abastadas pudessem alcançar

¹⁹ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.15.

grandes cargos em empresas, altos patamares políticos, que todas as crianças tivessem um ensino de qualidade e um leque de oportunidades tão amplo como as crianças dos colégios privados. Em outras palavras, era mais do que necessário uma mudança política que trouxesse o equilíbrio social, garantindo direitos políticos, civis e sociais para todos, não apenas em teoria, mas na prática.

Segundo Darcy Ribeiro era necessário uma compensação às pessoas que por tanto tempo foram menosprezadas pelas políticas estatais e contemplá-las com os direitos básicos de vida. Com base no **Livro dos CIEPs** escrito pelo mesmo, garantia que com Brizola no poder, as políticas de mudanças nos campos educacionais e econômicas se alinhavam ao projeto de governo do PDT. Esse alinhamento tinha como principal objetivo não excluir da sociedade os moradores da periferia que não se sentiam pertencentes a nação, por terem seus direitos negados.

“A escolha da educação como a prioridade fundamental responde, essencialmente, à ideologia socialista-democrática do Partido Democrático Trabalhista de Leonel Brizola. Essa ideologia é que, contrariando uma prática antiquíssima de descaso em matéria de instrução pública, nos deu a coragem de abrir os olhos para ver e medir a gravidade do problema educacional brasileiro e sobretudo a ousadia de enfrentá-lo com a maior massa de recursos que o Estado pôde reunir. A escolha da educação como meta prioritária decorreu também do fato da maior parte das áreas de ação governamental estar na órbita do Poder Federal, enquanto as escolas públicas de 1.º e 2.º graus estão na jurisdição dos governos estaduais e municipais. Assim é que se oferecia não só a possibilidade de uma atuação autônoma e enérgica, como também a de concentrar os esforços governamentais numa ação social transformadora da maior importância econômica, cultural e política.”²⁰

Como visto no excerto acima, a principal ideologia do PDT, partido de centro esquerda que elegeu Brizola, era a admissão de que a educação deveria ser a base para construir um novo ideal de Nação, abrangente, que incluísse todos aqueles que eram excluídos por não possuírem condições financeiras suficientes, fornecendo as mesmas oportunidades para a sociedade. Isso se tornava possível pela grande autonomia dos municípios de estabelecer medidas para evoluir o campo educacional e metas para aprimorá-lo ainda mais. A promessa era uma mudança radical nos projetos antepassados, que segundo Darcy Ribeiro não haviam dado certo, mas tinham aumentado o analfabetismo e as desigualdades sociais.

Assumindo o governo do Rio de Janeiro, Leonel Brizola promoveu uma série de mudanças no campo da educação que há muito tempo não eram vistas. Antes da construção e inauguração dos CIEPs e de um novo modelo de educação, o governador de forma emergencial realizou a reconstrução de escolas que se encontravam precárias e sem cuidado, a

²⁰ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.16.

transformação da merenda escolar em uma refeição de qualidade para os alunos, passagem gratuita nos ônibus para os alunos trajados com uniforme escolar, além da abertura de diálogo com grande parte dos professores da rede pública na busca por criar um Programa Especial de Educação eficaz que propusesse as mudanças que fracassaram nas gestões anteriores.

A formação de professores não começa apenas com as práticas em sala de aula, mas com os projetos e metas que permitirão um pleno desenvolvimento e crescimento tanto por parte dos estudantes, quanto dos educadores. A criação de um Programa Especial para o campo educacional no Rio de Janeiro, era de fundamental importância visto que dando voz aos professores para opinar, o mesmo seria criado de acordo com experiências de avanço e fracassos vividos no cotidiano dos educadores.²¹

Com base em todo o feedback fornecido por mais de 30.000 professores das redes públicas de todo o Estado do Rio de Janeiro, o Programa de Educação foi elaborado trazendo ideias de cunho revolucionárias se comparadas com os baixos investimentos em educação nos últimos governos. Tais medidas como a expansão da rede pública, implantação das mesmas em locais de maior carência e precariedade, além de promover uma nova série de redes escolares completas que abrangessem todas as turmas (CIEPs). Os chamados “Brizolões” foram projetados por Oscar Niemeyer com características exclusivas como o grande espaço interno dos edifícios, as amplas salas de aula, além dos espaços externos que foram utilizados para atividades de recreação e outras matérias para além da sala de aula. Esses espaços atenderam cerca de 1000 alunos que compunham todo o ciclo básico e recebiam alimentação, consultas odontológicas e projetos extracurriculares, acesso a biblioteca e salas com computador para pesquisa, com objetivo de expandir suas áreas de conhecimentos.

“Outra meta fundamental do Programa Especial de Educação é instituir progressivamente uma nova rede de escolas de dia completo — os Centros Integrados de Educação Pública — CIEPs — que o povo passou a chamar de Brizolões. Eles também estão sendo implantados nas áreas de maior densidade e de maior pobreza. Projetados por Oscar Niemeyer, são edificações de grande beleza que constituem orgulho dos bairros onde se edificam. Cada um deles compreende um edifício principal, de administração e salas de aula e de estudo dirigido, cozinha, refeitório e um centro de assistência médica e dentária. Num outro edifício fica o ginásio coberto que funciona também como auditório e abriga os banheiros. Um terceiro edifício é destinado à biblioteca pública que serve tanto à escola como à população vizinha. No edifício principal se integram também instalações para abrigar 24 alunos-residentes.

Os Brizolões atendem a 1.000 crianças de 1 .a a 4.a série ou de 5.a a 8.a série, separadamente. Em uns e outros, elas são atendidas de 8 da manhã às 5 horas da tarde e ali recebem, além das aulas, da [recreação, da ginástica, 3 refeições e um banho diário. À noite, o Brizolão se abre para 400 jovens de 14 a 20 anos, analfabetos ou insuficientemente instruídos. Cada Brizolão abriga 12 meninos e 12 meninas escolhidos entre crianças abandonadas e que estejam sob a ameaça de cair na delinquência.”²²

²¹ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pps.16-17.

²² RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.17.

Todas essas medidas vistas acima foram adotadas com objetivo de atender e diminuir a grande carência educacional herdada desde o fim do Segundo Reinado (período em que a educação era privilégio apenas de alguns) e que continuaram sendo perpetuadas ao longo do período republicano, dos ditatoriais varguista e militar e também durante o primeiro período de redemocratização nos anos de 1947.

Essas drásticas mudanças trouxeram consigo novos projetos voltados para a formação de professores na prática, onde os Centros de Integração ofereciam programas de treinamento, estágios, seminários e constantes reuniões buscando um maior aperfeiçoamento no sistema de ensino, flexibilidade de horários e que todos os alunos recebessem o material didático necessário para seu aprendizado.

“Outra meta do PEE é o aperfeiçoamento do magistério, tanto o que está em serviço quanto o que está ingressando agora, na carreira. Isso se faz nos CIEPs e em Escolas de Demonstração, especialmente criadas com esse objetivo, através de programas de Treinamento em Serviço e de Seminários de Ativação Pedagógica. O Programa produz, ainda, um vastíssimo material de apoio didático, tanto para os CIEPs quanto para a rede comum.

A grande conquista do Programa Especial de Educação do Rio de Janeiro é, por um lado, essa mobilização da consciência nacional e, por outro lado, a preparação de equipamentos capazes de levar à prática por todo o País soluções experimentalmente comprovadas para a criação da Escola Pública de que necessitamos.”²³

Um ponto importante para o nosso trabalho é não esquecer que os CIEPs trouxeram consigo uma série de contradições e desconfiança por parte de jornalistas, professores e moradores por ser uma proposta desafiadora para ser cumprida em quatro anos, cumprindo tudo aquilo que buscava prometer. Parte da imprensa denunciava que o governo mantinha o mapa dos gastos com essas obras em segredo, omitindo valores econômicos que a população tinha o direito de saber. Um outro ponto destacado pela imprensa era que a escolha dos locais de construção dos CIEPs mobilizaram as prefeituras locais e que esse tipo de atitude, servia para um único benefício, a política. Reforçando o ponto anterior, o fato de Brizola ter criticado tanto a gestão de Tancredo Neves enquanto ministro de João Goulart e inaugurar o primeiro CIEP no bairro do Catete com seu nome, coloca esse mesmo projeto em um plano nacional, visto que o próprio presidente compareceu na época. A mídia noticiava que os CIEPs haviam sido projetados para serem uma obra político eleitoral, enquanto as escolas públicas ficavam abandonadas. Muitos políticos afirmavam que a vitória do PDT, só havia se consagrado graças aos CIEPs e que os grandes investimentos realizados nos mesmos, era o motivo de muitas obras inacabadas como trechos da Avenida Brasil e manutenções

²³ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.17.

necessárias como a limpeza das ruas, saneamento básico e medidas de proteção contra as enchentes. Uma outra crítica realizada contra os CIEPs, era que faltava dinheiro para investir na luta contra a violência, e que o policiamento ficava vulnerável por não possuir estrutura o suficiente. Fato refutado pelos governantes que defendiam na educação das crianças, um futuro com uma cidade mais segura e com menores índices de marginalidade.

Por parte do professorado surgiam críticas relacionadas ao favoritismo e conseqüentemente dos privilégios que os CIEPs recebiam por parte do governo em detrimento das demais escolas públicas. A utilização dos melhores recursos, estrutura e professores iam para os Centros Integrados, enquanto as escolas públicas controladas pelos municípios não recebiam verbas suficientes para que se mantivessem ativas e com estrutura básica para receber seus alunos. Todas essas reivindicações por melhorias, resultaram em uma paralisação das aulas e organização de greves²⁴ por parte dos professores da rede pública de ensino que buscavam direitos iguais, uma maior quantidade de escolas em tempo integral, e o fim da contratação de professores não concursados. Em uma série de debates organizados por educadores, intelectuais e professores foi acordado que a escola integral deveria atuar como a principal ferramenta para suprir as carências encontradas no ensino público, e não selecionar apenas alguns alunos para participarem dessa melhora. Caso contrário, os CIEPs cairiam no mesmo sistema das escolas privadas, educando apenas uma parcela das crianças. Observemos nos excertos abaixo, discursos que iam contra o favoritismo dos CIEPs.

“Ainda em 1984, mais uma crítica é dirigida aos CIEPs referindo-se à sua localização, o que mobiliza prefeituras do interior. No ano seguinte, os custos começam a ser questionados. A imprensa exerce uma grande pressão denunciando que o governo mantém em sigilo os custos destas escolas; criticam-se ainda as concorrências simplificadas, feitas a portas fechadas, como resultado da pressa do governo.”²⁵

“O próprio Tribunal de Contas do Estado entra na discussão analisando os custos e denunciando a inviabilidade do Estado em arcar com obras tão vultosas.”²⁶

“Para os adversários do governo Brizola os CIEPs são vistos, também, como responsáveis pelo abandono não só das demais escolas, como também pelo descaso com outras obras consideradas essenciais, como por exemplo, limpeza de bairros, saneamento, obras de prevenção contra enchentes,

²⁴ Greve realizada no ano de 1986

²⁵ MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “CIEP - CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PÚBLICA - Alternativa para a qualidade do ensino ou nova Investida do populismo na educação?”, Em Aberto, Brasília, ano 8, n. 44, out. /dez. 1989. pp.48.

²⁶ MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “CIEP - CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PÚBLICA - Alternativa para a qualidade do ensino ou nova Investida do populismo na educação?”, Em Aberto, Brasília, ano 8, n. 44, out. /dez. 1989. pp.49.

limpeza de ruas, canais e rios... Neste contexto, alagamentos provocados pelas chuvas na Av. Brasil, têm um culpado: os CIEPs para onde vão todos os recursos do governo. A crescente onda de violência também encontra nos CIEPs o responsável. O governo não se preocupa com policiamento, construção de prisões. Usa os CIEPs não como prioridade. É o governo de uma obra só.”²⁷

“Durante todo o período de governo, os professores rejeitam sobretudo o paralelismo pedagógico, administrativo e orçamentário que a opção pelos CIEPs expressa. Questionam, assim, a existência de poucas escolas de tempo integral em contraste com as escolas de três turnos; discordam da ligação administrativa dos Centros Integrados à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, diferentemente das demais escolas subordinadas às Secretarias de Educação do Estado do Rio de Janeiro e do Município do Rio; condenam os custos volumosos das novas escolas, quando as convencionais se ressentem da falta de recursos materiais - giz, apagador, prédios em precárias condições físicas; contestam a política de pessoal que privilegia os CIEPs em detrimento da rede, retirando desta através de requisições, os professores, supostamente os melhores, esvaziando-a.”²⁸

“A força educativa não está nas verdades transmitidas, mas nas relações sociais e que se produz o processo educativo. Não se amplia o tempo para ensinar e aprender mais e melhor, mas para poder experimentar relações e situações mais abrangentes: alimentar-se, assear-se, brincar, relacionar-se, trabalhar, produzir coletivamente na escola”.²⁹

Os excertos acima buscam trazer para o debate visões e posicionamentos que eram contraditórios ao discurso de Darcy Ribeiro e Brizola, que afirmavam o ensino integral como a única vertente capaz de mudar a educação pública da época. Para muitos jornalistas e políticos, a construção dos CIEPs era uma jogada de cunho eleitoral e política, para alguns intelectuais e professores, a educação pública brasileira necessitava com urgência de mudanças, mas o abandono das escolas administradas pelos municípios, com certeza não era uma delas. Uma das principais contradições apresentadas, talvez fosse o próprio paradoxo de um ambiente pensado e fundado com objetivo de conter as desigualdades sociais e dar fim aos preconceitos, permitisse que apenas uma parcela de crianças fossem beneficiadas e ajudadas com esse novo molde educacional. Sem sombra de dúvidas, houve muitas divergências e discordâncias em relação às medidas adotadas por Brizola, mas muitos benefícios também foram vistos. Cabe a nós ponderar e colocar na balança os pesos e medidas positivos e negativos, analisando se de fato, foi um modelo educacional que funcionou ou fracassou.

Como foi dito no capítulo anterior, o projeto dos CIEPs trouxe consigo uma série de mudanças importantes para a educação, com um governo que intervinha economicamente para que o ensino possa ser aplicado com qualidade. Por isso, não podemos deixar de levar

²⁷ MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “CIEP - CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PÚBLICA - Alternativa para a qualidade do ensino ou nova Investida do populismo na educação?”, Em Aberto, Brasília, ano 8, n. 44, out. /dez. 1989. pp.49.

²⁸ MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “CIEP - CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PÚBLICA - Alternativa para a qualidade do ensino ou nova Investida do populismo na educação?”, Em Aberto, Brasília, ano 8, n. 44, out. /dez. 1989. pp.51.

²⁹ ARROYO, Miguel. Reflexões sobre a idéia de escola pública de tempo integral. Belo Horizonte, FAE, UFMG, 1987. 10p. mimeo.

em consideração o alto investimento realizado visando um processo de reconstrução da educação pública, ampliando o diálogo com os professores, com os gestores que compunham as coordenações e orientações pedagógicas, buscando um maior entendimento sobre como melhorar as aulas e seus sistemas. Um governo que investe em políticas para garantir todos os direitos de melhoria dos seus funcionários como a folha de pagamentos em dia, as especializações de professores, infraestrutura adequada fornecendo um ensino de qualidade juntamente com seus meios, torna tudo mais produtivo e dá o ânimo necessário para os educadores.

Mesmo com as contradições vistas acima é inegável o trabalho esplendoroso dos professores que atuavam nos CIEPs, se dedicando ao máximo pelos alunos, conhecendo as realidades sociais dos mesmos, se aproximando, tendo contato com as pessoas que moravam ao redor dos CIEPs, afirmando ainda mais o compromisso dessas escolas em ajudar as periferias e bairros carentes. A seguir o relato do professor Ivo sobre sua vivência trabalhando nos CIEPs.

"O CIEP abrange uma camada da sociedade bem carente. Em termos de trabalho, prefiro trabalhar aqui a fazê-lo na outra escola pública, porque aqui me dou mais. Trabalho com mais vontade dentro do CIEP porque sinto uma carência maior nos meus alunos (...). Aqui, a gente trabalha como professor, pai, amigo, este é o meu trabalho, eu ajo desta forma". (Ivo)³⁰

"A primeira medida adotada para sanar distorções salariais foi a equiparação da gratificação de regência de turmas, a partir de janeiro de 1984, garantindo-se também ao professorado o reajuste semestral. Com essa providência, corrigiu-se a injustiça de atribuir, aos professores de menor salário e maior jornada de trabalho, uma gratificação inferior, em termos absolutos, àquela concedida aos demais Níveis.

O reajuste semestral, por sua vez, configurava medida protetora: tentava-se colocar o salário do professor mais a salvo da desastrosa inflação que afligia todo o país. Com tais modificações, o menor salário de um professor regente estatutário, do Estado ou do Município do Rio de Janeiro, tornou-se praticamente o dobro do piso salarial do magistério da rede privada de ensino. Uma prova dessa diferença é o fato de que muitos professores da rede particular de ensino estão preferindo ingressar no magistério público, através dos concursos oficiais, revertendo a tendência existente no passado."³¹

Parafrazeando o excerto acima, podemos afirmar que fazia parte do projeto da formação de professores, não apenas especializar e oferecer empregos para aqueles que estavam começando no magistério, mas equiparando as grandes diferenças salariais dos educadores já existentes, atualizando a folha de pagamento e estimulando funcionários das rede privadas a prestar concursos para dar aula nessas escolas que durante tanto tempo foram

³⁰ MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. "CIEP - CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PÚBLICA - Alternativa para a qualidade do ensino ou nova Investida do populismo na educação?", Em Aberto, Brasília, ano 8, n. 44, out. /dez. 1989. pp.57.

³¹ RIBEIRO, Darcy. "O Livro dos CIEPs". Rio de Janeiro, 1986. pps.27-28.

sucateadas. Para suprir a falta de professores em sala de aula, muitos daqueles que estavam realizando atividades burocráticas voltaram a atuar exercendo o ofício.

A aproximação dos órgãos governamentais responsáveis por cuidar da educação dos educadores possibilitou a formação de uma escola mais ampla e democrática, com funcionários que acreditavam na causa e que desejavam colaborar na mudança do sistema vigente. Os concursos de transferências internas para outros cargos também foi de fundamental importância para realocar e preencher todos os âmbitos dos CIEPs. O governo também foi responsável de colocar esses órgãos em contato com as associações de moradores das favelas ou sindicatos.

“Além de reabrir o CEP e estabelecer um canal permanente de comunicação entre a classe dos professores e as Secretarias de Educação, o Governo tratou de colocar em contato os profissionais de educação com as entidades da sociedade civil organizada, tais como associações de moradores, de favelas ou sindicatos.

Um dos bons resultados dessa política foi a criação, no âmbito municipal, dos CECs—Conselhos Escola-Comunidade. Em cada escola, elege-se este órgão representativo, que é integrado por pais, alunos, professores, funcionários e membros da comunidade. Sua função é discutir e buscar soluções conjuntas para os problemas escolares, bem como articular a relação escola/comunidade, de modo a criar espaços para atividades de educação não-formal, lazer e animação cultural.”³²

Como foi visto no trecho acima, Darcy Ribeiro trazia uma proposta que visava em todos os cenários integrar a sociedade como um todo. Para isso houve a sugestão de que as artes plásticas, culturais e regionais pudessem ser produzidas embasadas pela realidade social das periferias, dando destaque aos moradores e principalmente, os estudantes. A arte funcionava como forma de estimular as crianças e jovens adolescentes a frequentar as salas de aula, trazendo temáticas didáticas e de fácil aprendizado para o entendimento dos alunos. Para além disso, o uso do diálogo como uma importante ferramenta de integração social, permitia que os professores das escolas apresentassem suas críticas, reclamações e ideias de mudança para a construção de novos caminhos, expandindo a capacidade de ensino. Um outro ponto que merece destaque, foi o uso do CEP para ouvir e atender as demandas dos moradores das periferias. Através desse canal com pessoas especializadas em diversas áreas diferentes, os cidadãos podiam ter sua voz ativa na política e no cotidiano, ampliando cada vez mais a igualdade de um direito por moradia e boas condições de vida para todos.

Durante sua gestão Brizola obteve pontos positivos e negativos em seu mandato. Entretanto, é de suma importância destacar que a sua capacidade de ouvir a população e de procurar juntamente com seus secretários, atender grande parte das demandas, foram

³² RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.29.

demonstradas em diversas situações. Um exemplo foi a grande reunião ocorrida na cidade de Mendes no Rio de Janeiro, com um expressivo número de professores com objetivo de ouvir suas propostas, as falhas, erros e defeitos que eram observados pelos mesmos ao longo de seus anos de prática em sala de aula. Darcy Ribeiro elaborou uma série de teses que tinha como principal objetivo estimular e provocar os professores com ideias e tentativas de melhorias no ensino. Um número grande de professores aderiu a essa causa, trouxeram essas ideias para serem debatidas em suas respectivas escolas, gerando um grande engajamento, com a formação de delegações para fomento do debate e de novas ideias.³³ No ano de 1983³⁴, Mendes foi o local escolhido para que esse grande encontro de pessoas acontecesse reunindo muitos professores, intelectuais, administradores da educação e líderes sindicais para um debate bem embasado e aprofundado sobre as principais medidas que deveriam ser adotadas visando uma melhoria nos índices educacionais e formando novas mentes prontas para o mercado de trabalho. Neste evento, diferentemente de outros grandes congressos e apresentações, onde somente os intelectuais mais conhecidos dissertam sobre seus pontos de vista em relação à educação, os professores ativos nas salas de aula foram os mais ouvidos.

O estudo da teoria é algo muito importante para uma boa gestão tanto nos cargos administrativos dos colégios, como dentro das salas de aula. Contudo, a prática e a experiência possuem também, uma valia muito grande, visto que atuando ativamente, tendo contato direto com os alunos e estando no ambiente escolar muito mais do que os teóricos, é permitido um maior conhecimento com capacidade de identificar as dificuldades enfrentadas pelos alunos.

Para além dos problemas de infraestrutura enfrentados pelos professores, como a ausência de um bom local de trabalho, a falta de materiais básicos como giz, apagador, quadro, luz, entre outros fatores, temos a soma de duas problemáticas que foram observadas ao longo dos diálogos. As grandes carências que os alunos trazem de suas casas, tanto nas que correspondem ao lado afetivo, como as básicas, falta de alimento, por exemplo. Tudo isso somado a problemática vista no capítulo anterior, onde as escolas públicas que deveriam garantir um ensino forte e de qualidade falham em sua missão, exigindo que os estudantes possuam materiais caros e usados em escolas particulares. Segundo Darcy Ribeiro, podemos analisar que as escolas públicas se tornaram espaços que evidenciam ainda mais a segregação e a desigualdade social.

³³ RIBEIRO, Darcy. "O Livro dos CIEPs". Rio de Janeiro, 1986. pps.31-32.

³⁴ Importante destacar que o encontro aconteceu nos anos finais da ditadura militar brasileira, reafirmando o desejo de mudança no período de redemocratização que se aproximava.

Segundo Darcy Ribeiro, as escolas têm como único objetivo educar as crianças como elas são de verdade, ou seja, o espaço que irá receber os estudantes deve se adaptar aos mesmos e também as suas respectivas realidades, independente do seu nível sócio-econômico.³⁵ Era necessária uma ruptura com o sistema de ensino vigente que consistia em manter falsos índices de aprovação dos alunos para mascarar o mau trabalho realizado pelo Estado. Para que uma mudança de fato acontecesse, era importante que o Estado começasse a investir de verdade nas escolas e parasse de tornar a desigualdade um fator comum e degenerativo ao longo do tempo. Metaforicamente, podemos afirmar que o Estado tratava o desequilíbrio social como uma doença incurável quando na verdade, o antídoto era algo muito palpável. Contudo, para alcançá-lo seria requerido um pouco de coragem.

“Ao tratar da mesma maneira crianças socialmente desiguais, a escola privilegia o aluno já privilegiado e discrimina crianças que renderiam muito mais se fossem tratadas a partir de suas próprias características.

As crianças das camadas populares aprendem desde cedo a sobreviver sozinhas, a cuidar dos irmãos menores e mesmo a trabalhar para ganhar algum dinheiro para a família. No entanto, essas mesmas crianças que, na rua, são espertas e faladoras, que improvisam jogos e brinquedos, na escola não entendem o que a professora diz, fecham-se em si mesmas, tornam-se caladas e passivas ou então rebeldes e agressivas. Na escola, elas são vistas em geral como desprovidas de inteligência, de criatividade, de afetividade, de coordenação motora e muitas vezes classificadas como “débeis mentais”, “especiais” etc.

Nada seria mais injusto do que responsabilizar somente o magistério pelas falhas da Escola Pública. O professorado é antes a vítima do que o culpado pelo descalabro da educação, resultante de uma política educacional antipopular que nunca deu aos professores e aos alunos os recursos mínimos indispensáveis para o bom exercício de suas funções.”³⁶

Darcy Ribeiro afirma que as desigualdades sociais afetam diretamente a capacidade de aprendizado dos alunos mais carentes, pois os mesmos são tratados nas escolas com preconceitos e de forma incoerente com a sua realidade. Julgar alguém de classes diferentes sob a mesma forma é hipoteticamente equivalente a colocar um corredor machucado e um são para realizar uma maratona. Um pensamento particular, é que de nada vale a igualdade de direitos, se não houver a equidade dos mesmos. Por esse motivo que a grande maioria dos CIEPs, ao serem pensados foram construídos próximo das periferias e comunidades. Nessa nova jornada de mudança nos campos da educação, o principal ideal de uma escola para todos, era que além da inclusão, os CIEPs fossem ambientes que se adaptassem às reais condições dos estudantes, tratando-os de maneira igual.

³⁵ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.33.

³⁶ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.34.

Trasladando-nos de volta para o intuito principal deste capítulo que visa analisar a formação dos professores ocorridas nos CIEPs, é de suma importância afirmar que além dos altos investimentos estatais na construção de novas escolas, houve um grande apoio do mesmo para uma especialização e capacitação dos professores. Um preparo maior foi planejado para que quando adentrassem as salas de aula, pudessem fazer um trabalho diferente do que vinha sendo realizado, com maior qualidade e maior compreensão da realidade dos alunos.

“Nada há de mais simples, nem de mais econômico, nem de mais eficaz e acessível do que a educação com um bom professor devidamente capacitado e motivado. Ele é a única e insubstituível força educativa com que se pode contar. As facilidades audiovisuais, o rádio e a televisão podem ajudar, mas não substituir o professor.”³⁷

Como podemos observar no texto acima, para Darcy Ribeiro, os professores são insubstituíveis. Não importa se novas tecnologias virão ao longo do tempo, é impossível uma máquina proporcionar uma aula melhor do que um professor. Talvez para suprir a agilidade e demanda, a máquina tenha seu valor, mas para atender as necessidades que vem de dentro, como a busca por amor, compreensão e a empatia, somente um ser humano com coração pode fazê-lo. Por mais que o sistema de ensino insista em graves erros na sua gestão que acabam afetando funcionários e alunos, em tempos de pandemia, tem se tornado cada vez mais claro que a presença dos professores em sala de aula, exercendo seu ofício, fazendo o que eles sabem de melhor, é muito mais do que necessário, é primordial. Muito além do que transmitir conhecimentos, é preciso pessoas capacitadas e preparadas para entender os alunos, se adequando aos seus moldes de vida, se adaptando a sua realidade, mostrando que a felicidade não pode ser comprada, mas sim conquistada. Quem melhor para estimular os estudantes do que um professor que já vivenciou uma série de experiências e hoje está ali como uma referência de inspiração para os alunos?

Um novo projeto de escola estava se formando, mas algo era fundamental para que os mesmos erros do passado não fossem cometidos novamente, ou seja, a valorização do professorado. Realizar mudanças no sistema de ensino da época para que os estudantes tivessem um melhor desempenho era muito importante, mas no mesmo patamar, estava a necessidade de fornecer aos professores os materiais, infraestrutura e bons retornos econômicos que permitissem a adaptação dos mesmos neste novo ambiente acadêmico. Para explicar um pouco melhor sobre os aparatos que permitiram esse desenvolvimento por parte

³⁷ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.34.

dos professores, tornaremos a falar sobre o Programa Especial de Educação (PEE) idealizado por Darcy Ribeiro e oficializado durante o governo Brizola.

O Programa Especial de Educação (PEE) foi o resultado do somatório de duas vertentes, as ideias das autoridades educacionais que lideravam esse projeto de mudança nas escolas, além das opiniões centrais do professorado que foram de suma importância para a elaboração de medidas que ampliassem os direitos dos educadores, e mudanças concretas que permitissem um maior aprendizado por parte dos alunos. A criação de uma nova dinâmica que interligasse professores e alunos com objetivo de desconstruir antiquadas teorias educacionais que afirmavam que somente os educadores poderiam transmitir conhecimento visto que os alunos eram equiparados a “tábulas rasas”. Uma das principais propostas do PEE foi fortalecer a ideia de que o aprendizado nos CIEPs era mútuo, ou seja, os professores poderiam agregar seus conhecimentos embasados pelos conteúdos que os alunos traziam de sua realidade social.

Outro ponto importante dessa relação aluno-professor, se baseia na capacidade do educador compreender que nem sempre os alunos terão um psicológico para aprender conteúdos em determinados dias, por conta da influência de seu meio. Justificando e exemplificando essa frase anterior, eu posso trazer à tona um caso que estudamos em nossas aulas de educação. Em um determinado dia, estudantes que moravam no Complexo da Maré, adentraram as salas de aula atordoados e completamente desconcentrados, pois haviam presenciado uma intensa troca de tiros entre policiais e traficantes. Muitos alunos chegaram chorando e desesperados necessitando de um ombro amigo e de uma palavra de apoio por parte dos professores.

O PEE buscou investir na formação de professores, ao ponto de prepará-los para esse tipo de situação, onde um abraço sincero e de preocupação fala muito mais alto do que uma aula bem dada. A escola se adequando a realidade dos alunos, diminuindo a desigualdade e se transformando em um ambiente acolhedor e que buscava atender tanto as demandas intelectuais como as emocionais.

Para Darcy Ribeiro, idealizador do projeto, o PEE era de fundamental importância, pois tinha como objetivo *“consolidar um ensino público moderno, bem aparelhado e democrático, capaz de ensinar todas as crianças a ler, escrever e contar, no tempo devido — e com a correção desejável.”*³⁸ Ampliar a luta por uma educação de qualidade em um período de redemocratização onde todo o aparato estatal demonstrava que mudanças estavam por vir, foi uma excelente resposta para aqueles que se encontravam desacreditados e sem perspectiva de futuro para si e seus filhos.

³⁸ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.35.

Transformar a escola que antes reforçava a desigualdade, em um espaço de aprendizado, construção de futuro e oportunidade trazia a esperança necessária para aqueles que sempre se sentiram deslocados das políticas públicas.

O PEE foi formulado com base em uma visão que alinhava as melhorias nas escolas com o bem estar dos alunos em todos os aspectos de suas vidas, incluindo suas atividades fora dos horários de aula. Segundo Darcy Ribeiro, para que os alunos obtivessem um bom desenvolvimento em sala de aula, era importante que sua saúde mental, emocional e física estivessem em perfeito estado. Para isso, o PEE garantiu uma série de direitos para os estudantes que nunca haviam sido efetuados de forma concreta e direta nos sistemas públicos de educação.

Algumas metas governamentais que fizeram parte do PEE foram a busca pelo fim do terceiro turno nas escolas, com objetivo de que todas as crianças ficassem pelo menos cinco horas diárias dentro dos colégios³⁹, fornecer aos professores cursos de reciclagem para que os mesmos pudessem se alinhar com a proposta pedagógica escolhida, além de capacitá-los para lidar com as constantes mudanças no ensino e tecnologias que aumentam o acesso ao meio técnico-científico-informacional, revisar os materiais didáticos que são fornecidos aos alunos, aumentando a qualidade dos mesmos, atendendo a demanda desde a alfabetização até à 5ª série. Assegurar que todas as crianças recebessem o material didático imprescindível para sua educação, dando maior atenção ainda para as crianças da Baixada e Zona Oeste que necessitavam mais.

Além dessas medidas voltadas para o campo educacional, onde capacidade, experiência e inovação se alinhavam aos novos recursos e medidas adotadas pelo governo, o PEE trouxe metas que visavam o lado social do estudante, tornando o mesmo protagonista de sua própria história. Através de recursos especializados como a garantia de no mínimo uma refeição completa para cada aluno na escola pública, visto que muitos não possuíam nem o básico em casa e para um bom aprendizado, a boa alimentação é fundamental. Uma outra medida importante foi a valorização da saúde dos estudantes dessas novas escolas, através de uma parceria entre as Secretarias de Educação e Saúde que forneciam assistências médicas e odontológicas dentro das escolas para todas as crianças, criando assim um sistema de prevenção contra diversas doenças e melhorando a qualidade de vida dos moradores das periferias. Para além disso, foram implantadas ao longo do governo casas que abrigavam e

³⁹ Medida realizada de forma gradual para impedir o risco de superlotação das salas e um desequilíbrio na distribuição das turmas. Cf em RIBEIRO, Darcy. "O Livro dos CIEPs". Rio de Janeiro, 1986. pp.35.

cuidavam das crianças entre quatro e sete anos, garantindo-lhes banho, assistência médica, alimentação e aulas com bons educadores, preparando-as para alcançar seus objetivos nos cursos de alfabetização.⁴⁰

A medida mais importante tomada pelo PEE, é o principal objeto do nosso trabalho, a construção de 500 CIEPs, que deveriam ser integrados pela sociedade, nos locais de maior necessidade, abarcando áreas de baixa renda e alto índice demográfico, levando o ensino através das escolas, cada vez mais perto dos estudantes nas periferias. Esses Centros Integrados eram divididos em dois setores principais, abarcando alunos que do CA até a 4ª série, além de alunos da 5ª a 8ª série, respectivos fundamentais I e II, estando equipados com todo aparato de saúde e proteção no caso de acidentes, além de serviços médicos que atendiam não somente os alunos, mas também toda a população. Os CIEPs também cumpriam uma dupla função, visto que durante os dias recebiam as crianças dos Fundamentais, e durante o período noturno, recebia também adolescentes, jovens e adultos que não tinham um bom domínio da escrita, da leitura e do cálculo. O único fator diferencial é que o ensino noturno seria aplicada de forma intensiva e não dividido em séries.

Outra meta governamental adotada pelo PEE foi a criação das Escolas de Demonstração que eram responsáveis por avaliar e acompanhar as escolas respectivas aos Fundamentais I e II, nas realizações dos projetos pedagógicos que haviam sido elaborados pelo Ministério da Educação. Dessa forma, foi possível estabelecer um plano de Metas conjunto, que permitiu um crescimento no número de alunos matriculados, uma melhora no gráfico de formandos que saíam completamente alfabetizados, com domínio da língua e prontos para o mercado de trabalho, além de uma universalização do ensino, permitindo que diversos municípios aderissem ao novo modelo educacional.

Para concluir este trabalho, finalizamos esse capítulo abordando as medidas tomadas pelo PEE com objetivo de incentivar e capacitar de forma mais intensa o professorado, de forma tal que os mesmos se sentissem preparados e recompensados para entrarem nas salas de aula e serem participantes ativos na melhora do ensino público. Fornecer a infraestrutura, os materiais necessários, um salário adequado e digno que valorizasse a classe e um aumento dos direitos trabalhistas, era de suma importância como visto acima, mas para além disso, era de fundamental importância apoio governamental que permitisse uma especialização e maior profissionalização dos educadores. Visando uma valorização do professorado, foi acordado como uma das principais normativas do PEE, reuniões anuais com os mesmos para estabelecer diretrizes, e ouvir sugestões, opiniões e críticas sobre o novo modelo educacional

⁴⁰ RIBEIRO, Darcy. "O Livro dos CIEPs". Rio de Janeiro, 1986. pp.35

que estava projetado para ser inaugurado o tanto quanto antes. Uma característica positiva do governo de Brizola era a grande capacidade de ouvir os principais atuantes e protagonistas nas salas de aulas, suas necessidades, desejos e aspirações. Para um crescimento positivo e total da educação era necessário que houvesse um grande trabalho de equipe no que tange ao esforço e dedicação para melhorar o aprendizado dos alunos. Durante muitos anos as escolas públicas foram determinadas como lugares que ampliavam a desigualdade e impediam os alunos de possuírem um ensino de qualidade. Para quebrar esse paradigma era de suma importância que professores, governo e administração trabalhassem em conjunto para oficializar a educação como pública e acessível para todos. A abertura para construção de um diálogo reforçava que o governo queria mudar e se afastar completamente de um passado recente que tinha trazido uma série de inseguranças para os menos favorecidos.

Essas reuniões eram muito importantes para que erros e falhas vigentes no Plano de Enquadramento, na regulamentação da carreira de Magistério, do Estatuto do Professor e do Regulamento das Escolas fossem consertados e as novas diretrizes fossem favoráveis para os educadores. Em relação aos administradores das escolas, para que o ensino de qualidade fosse exercido pelos melhor quadro de professores, o PEE realizou algumas exigências caracterizadas e explicadas no estabelecimento de “*requisitos de formação pedagógica e experiência docente indispensáveis para o desempenho do cargo de direção das escolas.*”⁴¹ Esta meta entrou em pauta após uma reivindicação do professorado para que os administradores responsáveis pela direção das escolas tivessem uma experiência maior visto que os mesmos estavam à frente de um projeto importante e que requeria atenção, dedicação e conhecimento por parte de quem liderasse. Os professores acreditavam que “*os candidatos devidamente credenciados sejam eleitos pelos profissionais da educação em exercício, em cada unidade escolar.*”⁴² Transformando todas essas medidas propostas, Brizola assumia o compromisso de que a educação era primordial em seu governo e que todo investimento possível seria realizado para evoluir, capacitar as escolas e professores, criando um ambiente favorável e de um aprendizado verdadeiro para os estudantes que lá entrassem. Para reforçar esse ponto de vista, relembro um trecho do debate presidencial realizado pela TV Cultura no ano de 1989, onde o sociólogo Fernando Henrique Cardoso interrogava Brizola se os custos investidos nos CIEPs não eram altos demais para o mesmo dar um retorno tão pequeno. A resposta do então candidato à Presidência foi a de que tecnocratas em todas as oportunidades que tivessem, sempre colocariam as ideias voltadas para a educação em segundo plano, por se preocuparem mais com outras prioridades,

⁴¹ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.36.

⁴² RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.36.

rendendo sua frase mais clássica de que “cara é a ignorância”⁴³. Um país onde as principais elites muito se preocupavam em evoluir economicamente para suprir rombos deixados nos caixas por parte dos governos militares, encontraram como principal saída para a crise abandonar ainda mais a educação para investir na industrialização e em meios técnicos científicos, esquecendo quão importante era uma escola de qualidade para formar os pensadores, engenheiros, médicos e professores do futuro que poderiam ser a principal resposta para o combate da crise, da fome, do desemprego e da falta de moradia. É extremamente difícil combater a desigualdade com projetos políticos que sempre optam por equilibrar a economia e para isso, integram apenas uma parcela da sociedade, desvalorizando as pessoas e suas realidades sociais. A falta de um posicionamento de responsabilidade por parte do governo em relação às periferias e comunidades, deixando as populações que residem nesses locais de fora dos seus projetos, reforça ainda mais uma política elitista que luta apenas pelos seus interesses e convicções. Uma opinião de cunho pessoal, é que a falta de investimentos nos CIEPs por parte dos governos atuais reflete o seu próprio nível descaso em retomar uma educação de qualidade para os alunos da rede pública. Atualmente temos CIEPs sucateados, abandonados, muitos deles sem luz e água, outros funcionando sem a menor infraestrutura, e cada vez mais alunos desistindo de estudar e terem a possibilidade conquistarem um futuro brilhante, pois enxergam apenas as dificuldades e a falta de investimento do governo nos mesmos. Brizola junto de Darcy Ribeiro buscou travar uma luta contra a desigualdade social, onde a principal arma era a educação. A luta por um Estado transformador que garante o básico para os cidadãos menos favorecidos deveria ser um projeto governamental constante e não apenas falácias e lindos discursos visando um marketing para alcance de cargos políticos. Ter uma visão completamente retrógrada e atrasada de que a educação é um gasto, em vez de reconhecer a sua eficácia e ponderá-la como o principal investimento governamental para o fim das crises sociais e econômicas, faz com que a manutenção de velhos costumes como os privilégios para as classes mais abastadas se mantenham, enquanto os moradores da periferia sofrem com o descaso na mesma proporção. A indiferença também é um tipo de preconceito.

Como visto acima, o PEE tinha como principal objetivo transformar o sistema público vigente de educação nas escolas, contando com o grande apoio da rede de professores, coordenadores, diretores, que atuando com maior frequência nas salas de aula, permitia uma visão maior dos reais problemas enfrentados pelos alunos e educadores. Para além disso, buscando uma

⁴³ Frase dita por Brizola no debate de 1989 que pode ser conferida em <https://www.youtube.com/watch?v=labryg3vLkA>

educação de qualidade, o PEE buscava encontrar nos professores esforço, dedicação, experiência e uma evolução cada vez mais constante, através dos cursos de reciclagem para acompanhamento e melhor aprendizado da metodologia requerida pelas escolas. Um desenvolvimento no ensino das classes de alfabetização, se tornava a meta principal a ser alcançada, pois através da mesma, se tornaria mais acessível e fácil a manutenção dos alunos até o último ano do ensino médio. Para que a educação pudesse ser realizada de forma continuada preparando o estudante para os desafios que o mundo reservava, era importante esse investimento na capacitação dos professores das primeiras classes estudantis. Os educadores que trabalhavam nas áreas de alfabetização possuíam um alto grau de importância para o governo Brizola, pois eram considerados como peças-chave para o desenvolvimento futuro dos alunos. Um fato oposto ao que vemos atualmente, visto que os salários para professores da educação infantil são razoavelmente mais baixos que o das outras turmas.

Outro ponto importante para Darcy Ribeiro, era o fato de que nem sempre os professores que tinham muitos diplomas, mestrados ou doutorados eram os mais aptos para estarem nas salas de aula. A vivência cotidiana com os alunos e com os sistemas escolares, aumentam exponencialmente a experiência dos educadores, permitindo o desenvolvimento de metodologias diversas, cativando todos os alunos a aprender e se dedicar nas matérias. Para Darcy, o ensinar é uma arte e dificilmente a teoria consegue explicar todos os fatores que fazem cada turma ser única. Adentrar a sala de aula com o entendimento de que existem muitos alunos com perspectivas e ideologias de vida ou políticas dissonantes, faz com que o ambiente escolar se torne um espaço amplo para o debate e agregação de novas ideias, conceitos e aprendizado. Um professor maduro que consegue cativar os alunos e fazendo os mesmos se dedicarem e entenderem a matéria, são aqueles que serão lembrados por sua trajetória e por ter formado mentes pensantes para colaborarem com a sociedade de alguma forma. Segundo Darcy, *“A arte de educar, que só se aprende ensinando, jamais pode ser dominada mediante explicações teóricas ou acadêmicas.”*⁴⁴ Um pensamento maduro e que foi aplicado no passado e que tem a necessidade de ser utilizado nos dias de hoje, é de que a teoria e prática são um somatório de forças que permitem uma evolução nos meios de educação. A prática não funciona sem a teoria e vice-versa.

“Uma das deficiências fundamentais do sistema educacional brasileiro é que ele está muito mais voltado para o cultivo da erudição acadêmica, para os discursos sobre a didática e a pedagogia, do que para a prática de ensinar. E muito mais importante e urgente podermos contar com centros de experimentação de material didático e de metodologias de ensino, bem como com núcleos de demonstração dos processos de ensino, voltados para a prática da arte de ensinar, e nos quais esta arte

⁴⁴ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.39.

possa ser dominada, do que nos preocuparmos com a multiplicação de especialistas em tecnologias pedagógicas.”⁴⁵

Como visto no excerto acima, Darcy Ribeiro reafirma mais uma vez de que um dos principais fatores que levaram ao fracasso da educação pública brasileira, foi a grande preocupação dos intelectuais em desenvolver e elaborar teorias que agregassem ao ensino, a busca por novas metodologias e tecnologias que evoluísse a forma de transmitir as aulas. Havia uma grande parcela dos intelectuais focados na produção de livros sobre a importância da pedagogia, mas sem aplicá-la nas salas de aula, eram apenas belos discursos sem resultados. Reforçando o que diz no Livro dos CIEPs, as crianças pobres vinham de uma realidade que não as estimulavam e nem forneciam condições básicas para uma jornada de sucesso nas escolas. Para isso, era necessário que os professores atuassem como protagonistas na educação dos alunos, transmitindo conhecimentos básicos que crianças ricas aprendiam em seu cotidiano. Para Darcy Ribeiro, a função da escola era agregar os conhecimentos que os alunos traziam de suas realidades, com os aprendizados necessários para se estabelecerem em uma sociedade letrada. Era de suma importância que os professores preparassem os alunos para terem um bom raciocínio com objetivo de fortalecer suas mentes para quando necessitassem, resolver problemas. O aprendizado poderia ser oferecido através do cálculo, da leitura, além de outros meios alternativos como jogos, música, teatro entre outras práticas. Envolver os alunos com as matérias que tinham liberdade para serem aplicadas e ensinadas por diversos meios não tradicionais, exaltando não apenas a capacidade dos estudantes de ouvir, mas também de fazê-los praticar e se sentirem diretamente participativos das aulas.

Analisando através da perspectiva dos alunos, em sua realidade social, no meio que se encontravam com maior liberdade, exibiam um alto grau de comunicação, contato e de relacionamentos pessoais com família, amigos entre outros. Contudo, no ambiente escolar que automaticamente exige um nível maior de atenção para a obtenção de novos aprendizados e conhecimentos, além de uma linguagem mais formal, compele os alunos a ficarem fora de sua zona de conforto e como esperado, se fecharem até o aumento de confiança em si mesmo e nos professores ocorrer. Por isso que é importante refutarmos mais uma vez a teoria conservadora e errônea de que um sistema “cuspe e giz”, onde apenas os professores transmitem conhecimentos para “tábulas rasas”, negando a capacidade de aprendizado e ensino dos alunos, tem levado muitos estudantes ao fracasso e ao abandono das aulas. Segundo Darcy Ribeiro, os professores precisam conquistar a confiança dos alunos para que os mesmos consigam se abrir e estabelecer uma abertura para aprenderem. Por isso que a

⁴⁵ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.39.

escola é um local de aprendizado e não de reprovação. É de suma importância que os professores permitam a espontânea expressão dos estudantes, ouvindo suas experiências, histórias, convivências e dessa forma realizar uma partilha de conhecimentos, para que os estudantes se sintam abraçados, valorizados e apoiados pelos educadores.

“Pensamento, linguagem e comunicação estão sempre interligados. A criança pobre que, num meio hostil como é o seu, consegue se comunicar e se relacionar com facilidade, não se sente à vontade na escola. O professor que tem respostas prontas para tudo, que obriga os alunos a ouvirem calados suas lições, que corta o raciocínio da criança cada vez que ela fala ‘errado’, contribui para inibir e bloquear sua capacidade de pensar.

É essencial que a criança tenha confiança em si e sinta vontade e motivação para aprender cada vez mais. Isto se alcança estimulando-a a falar e a participar, contando suas experiências e comunicando seu pensamento. Mas é também muito importante que, ao fazê-lo, ela se sinta valorizada e apoiada pelo professor.”⁴⁶

Uma outra inversão de pensamento trazida por Darcy Ribeiro, é a de que *“Não é o ensino que permite o desenvolvimento físico e mental da criança; é este desenvolvimento que permite a aprendizagem.”*⁴⁷ Partindo desse ponto de vista, é importante esclarecer de que nesse processo de desenvolvimento as crianças irão amadurecer e conquistar memórias. Para isso, além das matérias oferecidas em sala de aula, as mesmas têm a necessidade de brincar e descontrair através de atividades realizadas do lado de fora das salas, como ginástica, esportes, e o período de recreação, principalmente. Darcy Ribeiro afirma *“Brincar é uma atividade essencial nesse processo. A escola é um lugar de vida e alegria; o recreio é tão importante quanto a sala de aula.”*⁴⁸

Um outro ponto importante a ser discutido é que a escola era um bem da comunidade, que havia conquistado com muita dificuldade e empenho que uma educação de qualidade fosse oferecida para seus filhos. Partindo desse pressuposto é importante concluirmos que a escola possuía uma série de deveres para com a comunidade, e o respeito era a principal delas. Para que a escola funcionasse de uma forma positiva, sendo uma grande incentivadora dos alunos, era necessário que a mesma se aproximasse de suas realidades. Darcy Ribeiro afirmou que muitos pais de classe baixa, quando eram chamados nas escolas para discutir sobre o comportamento dos filhos, se sentiam humilhados pelos professores por não possuírem o mesmo nível de conhecimento, ou porque ouviam de forma negativa diversas críticas direcionadas aos seus filhos. Darcy Ribeiro afirmava que os professores não deveriam repreender os pais, mas que aprofundassem seus conhecimentos sobre a realidade dessas pessoas. Por esse motivo, o PEE incentivava que os professores tivessem uma linha aberta de

⁴⁶ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.39.

⁴⁷ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.39.

⁴⁸ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.39.

diálogo com os pais, familiares dos alunos e comparecessem às suas moradias para que conseguissem trazer a realidade dos alunos para dentro das escolas.

“A escola pertence a sua comunidade e deve tratá-la com respeito. Lamentavelmente, a maioria dos pais das crianças pobres se sente humilhada e intimidada pela escola. Os pais não devem ser chamados à escola para ser repreendidos pelos professores, mas sim para discutir com estes sobre a educação de seus filhos. O professor deve ir à comunidade para aprender com os pais a conhecer a realidade de seus alunos a fim de poder ensinar melhor.”⁴⁹

Trasladando-nos de volta para a parte final do nosso trabalho que consiste em abordar de que forma o projeto de formação de professores era pensado e executado pelos CIEPs, é importante levar em consideração que os educadores necessitavam se adaptar aos ideais dessas escolas que traziam ideias revolucionárias em termos de comparação com o modelo de educação pública até aquele momento que falhava miseravelmente, aprovando sem ensinar, formando sem educar. Alguns ideais ditos no capítulo anterior como a flexibilidade de horários dos professores para que pudessem programar suas aulas, participar de reuniões e lecionar com bastante tempo, das aulas extras que poderiam acontecer do lado de fora das salas, o incentivo a prática de esportes, conhecimento básico sobre a informática, acesso aos livros da biblioteca, permitiam que os alunos se sentissem acolhidos e pertencentes a uma escola que lhes valorizava e lutava por seus direitos. O ensino integral como substituto ao sistema de três turnos se mostrou muito mais preparado e centrado na evolução dos alunos que em vez de ficarem 3 horas na escola, permaneciam durante o dia tendo uma alimentação, estudo, recreação e professores de qualidade que com diversas dinâmicas permitiam uma livre expressão dos alunos, de tal forma que um aprendizado conjunto e mútuo, fizesse tanto a classe do professorado evoluir como a dos estudantes também. Uma escola revolucionária que tinha como principal objetivo a luta contra a desigualdade através do ensino. Um sistema de equidade parecia cada vez mais palpável e os estudantes se sentiam cada vez mais motivados e dispostos a enxergar um futuro de qualidade para si mesmo e sua família. Os CIEPs com seu modelo educacional diversificado provava que a arte de educar poderia ser realizada de maneiras não tradicionais trazendo grandes resultados e aumentando o índice de estudantes letrados que conseguiram arrumar bons empregos e cursar boas universidades graças ao trabalho que exigia intensa dedicação por parte dos professores.

“Conscientes desses fatores, os professores dos CIEPs empenham-se em promover a autoconfiança dos alunos, para que eles sintam vontade real de aprender cada vez mais.

⁴⁹ RIBEIRO, Darcy. “O Livro dos CIEPs”. Rio de Janeiro, 1986. pp.39.

Respeitando as linguagens regionais e a fala coloquial, estimulando as crianças a compreenderem e a questionarem a realidade que as cerca, os professores, num projeto integrado, podem desenvolver uma ação educativa que ultrapassa os muros da escola.

Um adendo importante: na dinâmica do CIEP, o recreio e as brincadeiras são considerados essenciais ao processo de ensino/aprendizagem. E existe sempre uma hora em que cada aluno se torna dono absoluto de seu tempo, para fazer o que achar melhor dentro do espaço escolar.⁵⁰

Concluindo, é importante salientar que a construção dessa prática pedagógica ocorre no interior de cada uma dessas escolas que adotaram as melhorias promovidas pelo PEE. Dessa forma, era de suma importância que os professores se engajassem com a causa, se tornando os principais responsáveis pelas mudanças na educação. Um ponto importante, é a prática de aprender com os erros para não mais cometê-los, onde Darcy Ribeiro afirma que os novos passos na educação seriam dados com base no aprendizado da história e dos processos que haviam dado errado até aquele momento. Não se esquecer do passado, mas seguir em uma direção completamente oposta ao mesmo, era o principal combustível que fazia os motores da esperança por um futuro melhor ecoarem com força máxima. Era importante mudar os rumos do presente na educação para que o futuro pudesse ser salvo e praticado de uma outra forma. O empenho dos professores, administradores, coordenadores, dos membros da CPT⁵¹, dos próprios secretários e governantes foi essencial para que os índices fossem de um grau baixo para avaliações positivas à respeito de alunos que iniciaram sua vida nos CIEPs e tiveram um futuro de oportunidades e evoluíram com os conhecimentos obtidos nesses locais de luta por igualdade. Importante mencionar que os CIEPs valorizavam muito o respeito e isso permitia que os alunos tivessem um crescimento pessoal em seus valores e formas de enxergar o mundo. A prática da leitura, uso do cálculo são de suma importância para os alunos, mas definitivamente valores como paz, respeito, união, solidariedade, empatia e amor são muito mais preciosos e guardados no coração. Muito mais do que futuros médicos, professores, engenheiros, arquitetos ou qualquer outra profissão, saíram dos CIEPs seres humanos com coração, alma e valores que sem sombra de dúvidas são aplicados nos dias de hoje em suas respectivas realidades sociais.

No tempo presente que vivemos, nos resta observar o passado e mais uma vez, aprender com ele. Observar a falta de investimentos não apenas nos CIEPs, mas nas escolas públicas em geral, nos faz pensar em nossas prioridades. O que de fato queremos preservar? Será que a educação falha que temos nos dias de hoje, não se reflete nas nossas escolhas políticas? Quando temos a chance de mudar, será que optamos pelo certo? É de suma importância que

⁵⁰ RIBEIRO, Darcy. "O Livro dos CIEPs". Rio de Janeiro, 1986. pp.48.

⁵¹ Consultoria Pedagógica de Treinamento - Junta composta por mais de 60 professores com objetivo de atuarem presencialmente nas escolas, realizando uma série de críticas e reflexões sobre o que pode ser melhorado e quais passos errados devem ser descartados.

façamos uma reavaliação sobre tudo que aconteceu e priorizar quais são os melhores caminhos. Se os CIEPs foram tão úteis e ajudaram tanto a sociedade e vemos os frutos até os dias de hoje, por qual motivo não há o mesmo nível de investimento? As respostas para isso só aparecerão com base em nossas atitudes, saindo do marasmo e da falsa ideia de que um projeto de mudança é inconcebível. A derrota só acontece quando decidimos que é tarde demais para lutar, e há milhares de exemplos históricos de pequenas iniciativas que culminaram em grandes atos. Precisamos nos unir por uma educação de qualidade, pois só a mesma é capaz de mudar o mundo sem o disparo de nenhuma bala.

Considerações Finais

Como considerações finais, gostaria de levantar uma reflexão sobre o projeto educacional proposto por Darcy Ribeiro e Brizola. A adoção da prática de uma educação com um sistema de ensino integral tem sido questionado até os dias de hoje sobre a sua real eficácia. Muitos teóricos da educação concluem que é de fundamental importância que as escolas públicas passem por mudanças que de fato resultem em benefícios para os alunos e professores, mas o grande ponto de interrogação a que se refere essa questão, é o “como” e “quando”.

Os CIEPs surgiram como a principal investida de Brizola para uma mudança drástica na educação do Rio de Janeiro, em uma primeira instância, que há tempos vinha sendo seletiva e oferecida com qualidade apenas para as crianças de um nível socioeconômico elevado, com os melhores professores, materiais didáticos, infraestrutura de primeira linha e meios que as permitiam uma alfabetização e um preparo pedagógico avançado.

Como vimos ao longo deste capítulo, houve uma série de contradições e paradoxos no projeto dos CIEPs, pois diversas vertentes opositoras ao governo, afirmavam que os mesmos selecionavam apenas as crianças mais carentes e da mesma forma, excluíram grande parte daquelas que também necessitavam de um aprendizado de qualidade. Para além disso, muitos concorrentes políticos afirmavam que o projeto de governo “pedetista” tinha como único objetivo alavancar seu favoritismo para os períodos de eleições e que os CIEPs nada mais eram do que palcos de discursos falaciosos sobre mudanças políticas na educação. Relembrando um outro ponto importante, muitos cientistas políticos criticavam a postura do governo em investir tanto nesse projeto educacional e deixar outras áreas relacionadas ao saneamento dos bairros e segurança com déficit de verbas.

No entanto, é preciso ponderar e analisar os feitos realizados por esses Centros de Integração e os benefícios que os mesmos trouxeram para a sociedade do Rio de Janeiro. O fato de muitas crianças carentes, moradoras das periferias conquistarem esse direito de estudar que durante anos lhes foi negado era algo muito gratificante e que muitos pais não conseguiram ter. Um governo que estava agindo nos anos finais de um período de violência e coerção tão intensos, com propostas de cunho tão sociais obtiveram a sua notoriedade para o período e sem sombra de dúvidas receberam a sua importância na História.

Como vimos ao longo desses dois capítulos, os CIEPs foram um projeto que tinha como objetivo resolver os problemas notórios encontrados na educação pública da época. Através de algumas contradições, mas também com muitos acertos, construíram a ponte para muitos alunos saírem da escola para um futuro brilhante, alcançando bons empregos, adentrando em boas universidades e trazendo um retorno muito importante para suas comunidades. Então, deixo meu questionamento inicial, se essas escolas estavam dando tão certo e com uma produtividade tão alta, por qual motivo os governantes posteriores não os mantiveram? Mesmo discordando dos ideais de favoritismo e excelência proporcionado aos CIEPs, por qual razão os governadores não evoluíram as escolas públicas mantendo esse ensino de qualidade? Deixo para reflexão e concluindo, algumas imagens de CIEPs abandonados e de como seria gratificante se os mesmos fossem reformados e preparados para receberem essas milhares de crianças que estão perdendo a oportunidade de estudar por falta de investimento. A luta por melhorias na educação deve ser constante e nós como cidadãos precisamos lutar pelos nossos direitos, concedendo ensino de qualidade para nossas crianças. Afinal, são elas que serão responsáveis futuro de nossa nação.



Imagem de CIEP abandonado em Niterói - Jornal O Globo

<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/prefeitura-de-niteroi-da-inicio-municipalizacao-d-e-cieps-abandonados-pelo-estado-22386367>



Imagem de CIEP abandonado - Tribuna da Internet

<http://www.tribunadainternet.com.br/criancas-abandonadas-em-30-anos-sem-cieps/>

Bibliografia

ARROYO, Miguel. Reflexões sobre a idéia de escola pública de tempo integral. Belo Horizonte, FAE, UFMG, 1987. 10p. mimeo.

BERNARDO, Elisangela da Silva. “Tempos e espaços escolares: experiências, políticas e debates no Brasil e no mundo”. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 1 N. 1 –pág 202-207(fev -mai 2015): “Artes de educar”.

BOMENY, Helena. “A escola no Brasil de Darcy Ribeiro”, Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 109-120, abr. 2009.

CAVALIERE, ANA MARIA. “Tempo de escola e qualidade na educação pública”. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1015-1035, out. 2007

CAVALIERE, ANA MARIA; COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa. “Para onde caminham os CIEPs? Uma análise após 15 anos”. Cadernos de Pesquisa, n. 119, p. 147-174, julho/ 2003

COELHO, Lígia Martha Coimbra da Costa; HORA, Dayse Martins. “Educação integral, tempo integral e currículo”. Série-Estudos - Periódico do Mestrado em Educação da UCDB.Campo Grande-MS, n. 27, p. 177-192, jan./jun. 2009.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. “CIEP - CENTRO INTEGRADO DE EDUCAÇÃO PÚBLICA -

Alternativa para a qualidade do ensino ou nova

Investida do populismo na educação?, Em Aberto, Brasília, ano 8, n. 44, out. /dez. 1989.

MONTEIRO, Ana Maria. “Ciep – escola de formação de professores”, Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 35-49, abr. 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O Livro dos CIEPs**. Rio de Janeiro, 1986.